



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – PPGECM**



ELENITA BORTOLINI RADER

**AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REORIENTAÇÃO DO ENSINO DE
CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Barra do Bugres - MT

2018



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – PPGECM**



ELENITA BORTOLINI RADER

**AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REORIENTAÇÃO DO ENSINO DE
CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora de Defesa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECM da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbours/Barra do Bugres, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre no Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Dr. Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba

Barra do Bugres - MT

2018

R127a Rader, Elenita Bortolini.

Avaliação como instrumento de reorientação do ensino de ciências da natureza no ensino fundamental / Elenita Bortolini

Rader. -- 2018

101 f. ; 30 cm.

Orientador: Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade do Estado de Mato Grosso – (UNEMAT) Campus Dep. Estadual Renê Barbour – Barra do Bugres, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática, Barra do Bugres – MT,2018.

Inclui bibliografia.

1. Avaliação do ensino. 2. Avaliações. 3. Uso dos resultados das avaliações. 4. Desinteresse estudantil. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELENITA BORTOLINI RADER

**“AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REORIENTAÇÃO DO
ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO
FUNDAMENTAL”.**

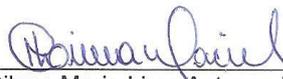
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *Câmpus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 26 de novembro de 2018.

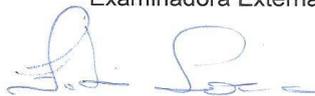
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Kilwángy Kya Kapitango-a-Samba (UNEMAT/PPGECM)
Orientador



Profª. Drª. Cilene Maria Lima Antunes Maciel (UNIC)
Examinadora Externa



Profª. Drª. Fátima Aparecida da Silva Iocca (UNEMAT/PPGECM)
Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

Especialmente as minhas filhas Maria Luíza e Karín Elísa, para mostrar-lhes que na vida nada é fácil, mas tudo é possível com dedicação, fé e coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois Ele foi a mão que me sustentou e me guiou durante todo o tempo, dando-me força, coragem e perseverança nos momentos difíceis, reerguendo-me em cada tropeço e ter-me dado o privilégio de colocar as pessoas certas no meu caminho onde cada um, como se fosse um retalho, ajudou-me a tecer essa jornada.

Ao meu Anjo da Guarda sempre presente ao meu lado.

A colega Cristiane Amora Poltronieri, pelo carinho e companheirismo que demonstrou durante todo o tempo, fazendo nascer uma bonita amizade, um bonito retalho, engrandecendo a minha história.

A colega Cesa Mara Zimpel, que a Mão de Deus cruzou nossos caminhos tornando-nos companheiras e amigas fiéis de 19.200 quilômetros rodados até aqui e mais de 285 horas de muitas conversas, desabafo e bordados de minha linda colcha.

Ao meu professor orientador Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba, que muito me ensinou, demonstrando sabedoria, dedicação e paciência, sempre “Firme - Forte - Flexível e Adaptativo” em seu trabalho.

A todos os professores do programa PPGECM, cada um dando as suas contribuições para que todos os mestrandos conseguíssem seus objetivos.

A todos os colegas da turma 2017 que juntos permanecemos nas realizações das disciplinas onde muitos retalhos foram costurados colorindo essa colcha.

À minha família, especialmente ao meu esposo Marcos, pela compreensão pelas horas dedicadas aos estudos deixando-os em segundo plano (no tempo e espaço) por esse período, mas sempre presentes dentro de mim.

Agradeço também à Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer (SEDUC-MT), pela licença para qualificação profissional, para dedicar-me exclusivamente aos estudos por esse período.

Aos professores que participaram das entrevistas permitindo-me obter os dados para realização dessa dissertação.

Sou Feita de Retalhos

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados....Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Cris Pizzimenti

RESUMO

Essa pesquisa foi realizada com o objetivo de estudar as percepções dos Professores de Ciências da Natureza do Ensino Fundamental das Escolas Estaduais de Rondonópolis-MT sobre a avaliação como instrumento de reorientação do Ensino e a diferença entre avaliação e examinação. O nosso problema de pesquisa foi determinado em questão primária e secundária, da seguinte forma: *quais as percepções dos professores de ciências da natureza do ensino fundamental, participantes da pesquisa, sobre avaliação e examinação? E, por conseguinte, como eles compreendem a avaliação enquanto instrumento de reorientação das práticas de ensino?* Metodologicamente, adotamos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, que nos permitiu obter informações conceituais dentro da literatura da área de avaliação e orientar a reflexão sobre os dados da pesquisa de campo. Aplicamos entrevistas semiestruturadas para coleta de dados e a análise de conteúdo (com construção de categoria a partir dos dados, durante o processo de análise) como técnica de análise e interpretação dos dados. A amostra foi composta de 6 professores que lecionam Ciências da Natureza no Ensino Fundamental nas Escolas Estaduais de Rondonópolis-MT. Os resultados encontrados indicam categorias que descrevem as percepções dos professores em relação a avaliação, examinação e reorientação do ensino como: Estudo superficial da avaliação na licenciatura; Estudos da avaliação na formação contínua em serviço; Avaliação como processo contínuo; Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem; Avaliação como exigência de provas; Examinação empregue como avaliação; Distinção entre examinação e avaliação; Desinteresse dos estudantes para estudar; Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino; Integração entre ensino e avaliação. Além de demonstrar as percepções dos professores foi possível responder ao nosso problema de pesquisa, que os professores entrevistados não distinguem avaliação da examinação, porém, alguns utilizam as avaliações como meio de reorientação do ensino.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino. Examinação. Reorientação. Resultados.

ABSTRACT

This research was carried out with the objective of studying the perceptions of the Teachers of Natural Sciences of the Elementary School of the State Schools of Rondonópolis-MT about the evaluation as an instrument of reorientation of the Teaching and the difference between evaluation and examination. Our research problem was determined in primary and secondary questions, as follows: what are the perceptions of elementary school science teachers, research participants, about evaluation and examination? And, therefore, how do they understand evaluation as a tool for reorienting teaching practices? Methodologically, we adopted the following procedures: bibliographic research, which allowed us to obtain conceptual information within the literature of the area of evaluation and guide the reflection on field research data. We applied semi-structured interviews for data collection and content analysis (with category construction from the data, during the analysis process) as a technique for data analysis and interpretation. The sample was composed of 6 teachers who taught Natural Sciences in Elementary School in the State Schools of Rondonópolis-MT. The results indicate categories that describe the teachers' perceptions regarding evaluation, examination and reorientation of teaching as: surface Study of the evaluation in the degree; evaluation Studies on in-service training; Evaluation as a continuous process; Assessment as an instrument of learning analysis; Evaluation as evidence requirement; Examination employed as evaluation; Distinction between examination and evaluation; Uninteresting students to study; Use of evaluation results for reorientation of teaching; Integration between teaching and evaluation. In addition to demonstrating the teachers' perceptions, it was possible to respond to our research problem, which the interviewed teachers do not distinguish evaluation from the examination, however, some use the evaluations as a means of reorienting teaching.

Keywords: Evaluation. Teaching. Examination. Reorientation. Results.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de localização da cidade de Rondonópolis no Estado de Mato Grosso20

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Avaliação segundo Luckesi	27
Quadro 2 - Avaliação segundo Hoffmann	29
Quadro 3 - Exameinação segundo Luckesi	32
Quadro 4 - Exameinação segundo Hoffmann	33
Quadro 5 - Avaliação como Reorientação do Ensino segundo Luckesi	40
Quadro 6 - Avaliação como Reorientação do Ensino segundo Hoffmann	41
Quadro 7 - Estudo da Avaliação na Licenciatura.....	43
Quadro 8 - Definição de Avaliação.....	45
Quadro 9 - Identificar Instrumentos de Avaliação ou Exameinação utilizados.....	47
Quadro 10 - Periodicidade da Avaliação.....	49
Quadro 11 - Objetivo da Avaliação.....	50
Quadro 12 - Distinção entre Avaliação e Exameinação.....	51
Quadro 13 - Concepções sobre as provas como instrumentos eficientes ou não de diagnóstico do potencial de aprendizagem dos estudantes.....	53
Quadro 14 - Relação entre Ensino e Avaliação.....	54
Quadro 15 - Uso dos resultados das Avaliações.....	55
Quadro 16 - Relação entre Avaliação e Exameinação.....	58
Quadro 17 - Frequência das categorias de análise	60
Quadro 18 - Recorrência das palavras dos instrumentos de avaliação nas entrevistas	86

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	14
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
1.1 Contexto da Pesquisa	20
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.1 Avaliação	22
2.2 Examinação	32
2.3 Relação entre Avaliação e Examinação	35
2.4 Avaliação como Reorientação do Ensino	36
3 AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO	43
3.1 Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura	60
3.2 Estudo da Avaliação na Formação Contínua em Serviço	62
3.3 Avaliação como Processo Contínuo	63
3.4 Avaliação como Instrumento de Análise da Aprendizagem	64
3.5 Avaliação como Exigência de Provas	67
3.6 Examinação Empregue como Avaliação	69
3.7 Distinção entre Examinação e Avaliação	73
3.8 Desinteresse dos Estudantes para Estudar	75
3.9 Uso dos Resultados das Avaliações para Reorientação do Ensino	79
3.10 Integração entre Ensino e Avaliação	82
3.11 Instrumentos Utilizados para Avaliação	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE I	96
APÊNDICE II	98
APÊNDICE III	99
ANEXO I	101

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sem precedentes das ciências e das tecnologias nas últimas décadas promoveu mudanças profundas em todos os campos da vida cultural, religiosa, política e econômica da sociedade. Isso incide diretamente no mercado de trabalho, que passa a exigir a formação de profissionais com competências e habilidades tão complexas e dinâmicas quanto a própria sociedade, na qual tais profissionais se inserem e que pretendem desenvolver suas respectivas profissões. Competências e habilidades essas que, no campo da educação, o ensino ainda apresenta dificuldades em promover.

Ocorre que diferentemente do que predominava nos circuitos educacionais no século XIX – que o ensino, para ser considerado de boa qualidade, devia ser altamente enciclopédico, seletivo e centrado na figura do professor. A educação, no século XXI passa a ser entendida como aquela capaz de contribuir para ampliar a percepção dos estudantes sobre como agir em cooperação com os outros, em todas as atividades. Essa educação de qualidade, no século XXI, segundo o Relatório Delors¹, está relacionada a quatro pilares: 1- aprender a conhecer; 2- aprender a fazer; 3- aprender a conviver; 4- aprender a ser.

Porém, não basta identificar o que significa um ensino de boa qualidade no século XXI, é preciso saber se o ensino que ministramos atende aos requisitos desta qualidade. E, para tanto, é preciso saber como nós professores avaliamos o ensino que ministramos. Ademais, será que avaliamos mesmo? Quando a maioria dos estudantes fracassa nas provas, temos nos preocupado com esse problema (fracasso)?

Como temos usado os resultados dessas “provas” e para quê? Ou à que finalidade as provas servem? Para somente classificar os estudantes em aprovados e reprovados? Essas provas dizem algo em relação ao processo de ensino? O que fazemos: examinamos ou avaliamos, afinal de contas? Essas são algumas das nossas inquietações que nos aproximam de alguns estudiosos da avaliação da aprendizagem tais como: Luckesi (2011a, 2011b, 2014); Russell e Airasian (2014); Hadji (2001); Caldeira (2000); Hoffmann (2007, 2014a, 2014b); Condemarín e Medina (2005); Vasconcellos (2014).

¹ DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília-DF: UNESCO, 2010.

De fato, sabemos que o que se faz na escola é, geralmente, chamado de “avaliação da aprendizagem” dos estudantes. Na maioria das vezes, por meio de provas escritas, sem dar oportunidade para que os estudantes reflitam sobre sua própria aprendizagem e/ou demonstrem o que exatamente foram capazes de aprender sobre determinado conteúdo. Em consequência, nós professores também perdemos a oportunidade de avaliar a nossa própria prática educativa (o ensino).

As reflexões sobre as questões que nos preocupam em relação à avaliação procedem de nossa própria experiência docente em Ciências da Natureza do Ensino Fundamental, por mais de 15 anos. Trata-se de uma trajetória profissional que não incluiu estudos aprofundados sobre avaliação como um elemento importante do processo de ensino e da aprendizagem. Contudo, até a bem pouco tempo, foi e ainda é pouco explorado tanto nas práticas escolares quanto nos cursos de formação de professores ou é abordado apenas teoricamente e de forma superficial, independentemente da área de atuação dos professores.

Em consequência, assim como a maioria dos professores, também acabamos por encontrar explicações para os problemas que enfrentávamos no processo de ensino, tomando por referência modelos do que idealizávamos como bons professores entre aqueles que fizeram parte da história de nossas vidas como estudantes. Bem como de conhecimentos adquiridos na formação inicial e continuada, entre outras referências aprendidas no cotidiano escolar.

Neste verdadeiro *caldeirão cultural*, em que ciência, experiência e senso comum se entrelaçam, estudos e debates como os que ocorrem nas escolas não são suficientes para se transformarem em instrumento de promoção do ensino e da aprendizagem de todos os estudantes. Para tanto, é preciso desconstruir conceitos e atitudes carregadas de autoritarismo e contradições para, então, construir novos conceitos e significados para a avaliação, transformar não só nossos discursos sobre avaliação da aprendizagem, mas, sobretudo, nossas práticas avaliativas.

Diante das inquietações sobre as práticas de avaliação predominantes nas escolas, decidimos desenvolver uma pesquisa que envolve professores de Ciências da Natureza, dos anos finais do Ensino Fundamental, das Escolas da rede Pública Estadual de Ensino localizadas no município de Rondonópolis/MT, para analisar, identificar e descrever as suas percepções sobre avaliação e examinação da aprendizagem. O tema foi delimitado ao estudo da avaliação como instrumento de

reorientação do Ensino de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental, das Escolas Estaduais situadas no município de Rondonópolis/Mato Grosso.

O nosso problema de pesquisa foi determinado para saber *quais as percepções dos professores de ciências da natureza do ensino fundamental, participantes da pesquisa, sobre avaliação e examinação? E, por conseguinte, como eles compreendem a avaliação enquanto instrumento de reorientação das práticas de ensino?* Pressupomos que as percepções predominantes entre os docentes apontam para compreensão e prática da examinação como avaliação, não considerando as diferenças determinantes e constitutivos de cada processo, que no caso de avaliação, a tornam em elemento de reorientação das práticas de ensino, ao levar em consideração que ela fornece indicadores de como acontece o ensino e a aprendizagem, e por consequência, inserir intervenções pedagógicas que permitirão fazer modificações das práticas e potencializar ou superar as dificuldades de aprendizagem.

Assim, ao propormos a investigação estávamos conscientes de que uma simples mudança na aplicação de métodos e técnicas de avaliação não é suficiente para garantir a promoção do ensino e da aprendizagem significativamente efetivas, para tal, seria então, necessário repensar e reorientar concepções, posturas, atitudes e práticas profissionais. É nesta perspectiva que encontramos a relevância científica, social e educacional da pesquisa, uma vez que seus resultados podem contribuir para promover reflexões sobre as práticas de avaliação, o que significa produzir e sistematizar conhecimentos que implicam na prática.

Finalmente, antes de passarmos para o primeiro capítulo apresentamos a estrutura em que a dissertação está composta. São três as grandes seções capitulares, a saber:

- 1) No primeiro capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na execução da pesquisa, para alcançar os objetivos, validar nossa hipótese e resolver o problema de pesquisa;
- 2) No segundo, apresentamos uma revisão bibliográfica, que nos permitiu analisar o conceito de avaliação, as diferenças fundamentais entre examinação e avaliação, entendendo esta como elemento integrante e integrador do processo de ensino e de aprendizagem e como a mesma pode cumprir sua função de reorientar o processo de ensino e auxiliar na construção de uma aprendizagem satisfatória e efetiva. Assim, a

análise bibliográfica nos permitiu também verificar até que ponto o tema e, em especial, o problema de pesquisa foi ou não discutido no campo da pesquisa educacional: avaliação da aprendizagem. Essa revisão contribuiu para delimitar da melhor forma o problema de investigação e seu contexto;

- 3) Na terceira seção capitular, apresentamos e discutimos os resultados da nossa pesquisa, a fim de buscar validade ou refutar a hipótese apresentada inicialmente, com vista à resolução do problema de pesquisa. Ao final, apresentamos as nossas conclusões, a partir das inferências dos dados analisados.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quando falamos em pesquisa científica referimo-nos a produção de conhecimento que, direta ou indiretamente, implica em adoção de determinados procedimentos sistemáticos que aplicamos no estudo de um objeto, fato ou fenômeno natural ou social. Assim, para execução da pesquisa – consideramos o caráter do problema e seguimos o paradigma metodológico qualitativo que deve ser escolhido

[...] quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade (SAMPIERI, R.; COLLADO, C; LUCIO, M, 2013, p. 376).

Para buscar compreender essas percepções subjetivas da realidade do campo escolar, em especial, da avaliação da aprendizagem e considerar o caráter do problema, servimo-nos dos seguintes métodos de pesquisa:

a) – *Análise bibliográfica*, que nos permitiu: obter informações conceituais de pesquisas cujos autores trataram de temas voltados à *avaliação* e; orientar nossas reflexões sobre os dados da pesquisa de campo realizada posteriormente, e; identificar e adotar o referencial conceitual em relação à *avaliação* como instrumento de reorientação (LUCKESI, 2011a; 2011b; 2014 e HOFFMANN, 2007; 2014a, 2014b), que em conjunto com as observações de campo, nos possibilitaram desenvolver uma análise reflexiva e crítica dos resultados. Na análise bibliográfica fizemos o levantamento de trabalhos de pesquisa (artigos, dissertações e teses) sobre avaliação da aprendizagem.

b) – Em um segundo momento, fizemos a *pesquisa de campo*, que nos permitiu obter informações sobre as percepções dos professores em relação à avaliação e examinação da aprendizagem dos estudantes. Na pesquisa de campo utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada para coleta de dados e a análise de conteúdo (construção de categoria a partir dos dados, durante o processo de análise) como técnica de análise e interpretação de dados. Ao se tratar da técnica da análise de conteúdo a interpretação não se dá de forma aleatória, pelo contrário, deve se desenvolver por meio de técnicas e:

Definitivamente, o terreno, o funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo podem resumir-se da seguinte maneira: [...] Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016 p. 48).

Em cada fala precisamos entender as manifestações do comportamento dos entrevistados e essas mensagens nos revelaram as práticas educativas dentro da atuação docente. Aos entrevistados foi-lhes solicitado permissão para a gravação em áudio e que, por questões éticas, suas identidades foram completamente reservadas.

Na primeira fase da análise qualitativa de conteúdo fizemos a transcrição das entrevistas, onde procuramos transcrever conforme a fala dos entrevistados, respeitando seus vícios de linguagem, seguida da leitura e releitura das respostas obtidas e organizadas em categorias, para obter uma percepção geral das informações. O roteiro da entrevista semiestruturada se encontra no *apêndice II*.

“A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2012, p. 63). As inferências foram feitas de acordo com semelhanças, pertinências, representatividade, entre outras, sempre de acordo com os objetivos da pesquisa que orientaram a nossa interpretação final. As categorias foram construídas ao longo da análise de dados qualitativos, isto é, inferidos deles e não construídos anteriormente a partir da literatura da área, pois,

A análise qualitativa de conteúdo proporciona a compreensão e a codificação das categorias dos dados textuais tanto dos documentos oficiais quanto das entrevistas [...] ela permite analisar não apenas o texto *per se*, mas também, os detalhes que o contexto dos dados oferece, porque o importante é não se restringir à descrição simples dos conteúdos [...] (KAPITANGO-A-SAMBA, 2010, p. 75-76).

Essa análise foi feita por síntese do conteúdo original das entrevistas, desse conteúdo inferimos as categorias por redução e não dedução da literatura. “A categoria pode ser compreendida como um conjunto de conceitos ou conceito geral e fundamental que abrange noções ou ideias afins para orientar o raciocínio ou a ação (razões conceituais e de práxis)”. (KAPITANGO-A-SAMBA, 2011, p. 39).

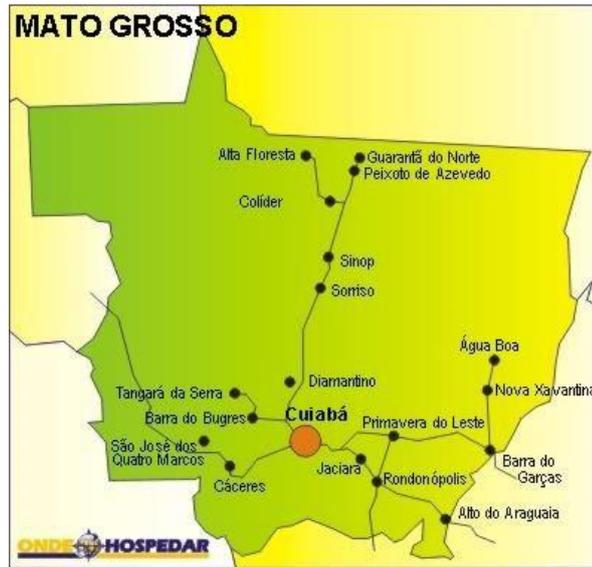
Quanto ao contato com os participantes, tanto os gestores das Unidades Escolares quanto os professores foram contatados com antecedência e os docentes convidados a participar da pesquisa (no período de hora-atividade, para não comprometer o horário da regência), sendo que no Estado do Mato Grosso, o regime de horas de trabalho do professor efetivo é de 30 horas semanais, dividido em 20 horas de regência (sala de aula) e 10 horas de hora atividade (momento para o planejamento, formação e reuniões pedagógicas). A entrevista seguiu a sequência lógica do roteiro, e foi-lhes entregue o *Termo de Consentimento Mútuo Esclarecido*, aprovado pelo Comitê de Ética com o parecer de número: 2.771.183, encontrado no apêndice I, que depois de lido, foi assinado por ambas as partes.

A análise das entrevistas dos professores foi baseada em Bardin (2016) e Franco (2012) com uma análise crítico-reflexiva dos resultados da pesquisa de campo realizada com 06 professores de Ciências da Natureza no município de Rondonópolis-MT, para entendermos suas percepções sobre avaliação como reorientação do ensino e as diferenças entre examinação e avaliação.

1.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Para compreendermos melhor a importância da pesquisa sobre avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências da Natureza, na cidade de Rondonópolis/MT, consideramos importante informar que se trata da terceira maior cidade matogrossense e que está localizada estrategicamente no entroncamento das Rodovias BR-163 e BR-364 e é a ligação entre as regiões norte e sul do país.

Figura 1- Mapa de localização da cidade de Rondonópolis no Estado de Mato Grosso



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+Rondon%C3%B3polis+no+Estado+de+Mato+Grosso+fotos&rlz=1C1GGRV_enBR751BR751&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjm4MDG0cTaAhUETZAKHcQqCokQ7AklQQ&biw=1366&bih=662#imgrc=vnQCGk8NGWLrAM>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Rondonópolis conta até este ano de 2018, com **35 Escolas Estaduais**, situadas na cidade, sendo que: 6 oferecem somente Ensino Médio; 11 somente Ensino Fundamental e; 18 Ensino Fundamental e Médio, com um total de **57 professores** que lecionam Ciências da Natureza ou Biologia nessas escolas. Os dois últimos grupos totalizam **29 Escolas Estaduais com Ensino Fundamental**. Deste universo extraímos uma amostra de **6 professores** que lecionam Ciências da Natureza, cada um de uma escola diferente – com uso da técnica de amostragem por caso múltiplo: homogeneização: caracterizada pela formação em Ciências Biológicas e pelo nível de atuação profissional (anos finais do ensino fundamental), para determinação de cada participante.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E REFERENCIAL CONCEITUAL

A questão dos valores sempre foi motivo de grandes debates entre teóricos das chamadas ciências humanas e sociais: antropologia, psicologia, sociologia, pedagogia, economia, filosofia, entre outras. Ocorre que o ser humano, diferentemente de outras espécies, não apenas retira da natureza o que necessita para sobreviver, ele interage dialeticamente com o meio em que vive e, ao mesmo tempo, com seus semelhantes, geralmente, em grupos. Neste processo, ele transforma o meio e a si mesmo por meio de atitudes e ações baseadas em juízos de valor, ou seja, do que ele e seu grupo consideram bom ou mau, positivo ou negativo. Em acordo com Luckesi, podemos dizer que o ser humano é um ser que avalia por natureza, pois

[...] não somos indiferentes ao mundo no qual vivemos. Assumimos posição. Aceitamos e lutamos por alguma coisa quando a avaliamos positivamente, assim, como rejeitamos outra, quando atribuímos a ela um valor negativo. O ser humano é um ser que avalia. Em todos os instantes de sua vida [...] (LUCKESI, 2011, p. 125).

Dessa forma, o ato de comparar, julgar e avaliar está presente em nosso ser, em nosso cotidiano, seja lá onde estivermos: nas empresas, em casa, nas repartições públicas, nas escolas, entre outros.

Na sequência, teceremos algumas considerações sobre os conceitos de avaliação e examinação da aprendizagem, as diferenças entre ambos e como a avaliação é compreendida por diversos autores como instrumento de reorientação do ensino.

2.1 AVALIAÇÃO

A função da avaliação é garantir o aprendizado do estudante, pois deve indicar não só o que foi aprendido, mas o que não foi e que deve ser revisto, para que o professor possa tomar as medidas cabíveis para se chegar aos resultados desejados e mudar sua ação pedagógica, como diz Luckesi:

A pedagogia que sustenta o exame se contenta com a classificação, seja ela qual for; a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não se contenta com qualquer resultado, mas somente com o resultado satisfatório. Mais que isso: não atribui somente ao educando a responsabilidade pelos resultados insatisfatórios; investiga suas causas, assim como busca e realiza ações curativas. O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções (LUCKESI, 2011a, p. 64).

De acordo com Luckesi, a avaliação é “um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 2011a, p. 104). Ou seja, para este autor, avaliação da aprendizagem envolve julgamento de valor sobre objetivos a serem avaliados (dados relevantes da realidade), para uma tomada de decisão, não só por parte do professor, mas também do estudante, uma vez que ambos devem refletir sobre suas próprias práticas e aprendizagens durante todo o processo de ensino. A avaliação da aprendizagem para Luckesi é, pois, processual, tem uma função diagnóstica e formativa e só é possível de ser realizada se for, não só compreendida, mas compromissada com uma concepção pedagógica.

Neste quesito, Luckesi traz algumas inovações: “nós educadores temos estado aprisionados a padrões de compreensão e de conduta que vem de séculos passados [...]” (LUCKESI, 2011a, p. 68). “Assim, não faz muito sentido condenar educadores que, hoje, ainda, não conseguem transitar do ato de examinar para o ato de avaliar na escola” (LUCKESI 2011a, p. 69). Ou seja, para Luckesi, os professores não têm noção de sua condição de reprodutores da ideologia dominante, mas, ele defende que, a partir do momento em que tomam consciência de que suas práticas podem e devem ser voltadas para a transformação, não poderão mais agir de forma inconsequente. A partir daí, têm que assumir a responsabilidade de seus atos. No que diz respeito à avaliação, não poderão mais utilizá-la como uma ação mecânica, mas intimamente relacionada aos objetivos, conteúdos e práticas de ensino, bem como, às referências teóricas e metodológicas que os orientam.

Nas palavras de Luckesi:

Para transitar do ato de examinar para o ato de avaliar na escola, necessitamos de proceder a uma *metanoia*, termo grego que significa *conversão*. Conversão, aqui, não tem nada a ver com “conversão religiosa”; tem a ver, sim, com ultrapassagem de conceitos e modos de agir que já não mais nos auxiliam em nosso caminhar pela vida e pela atividade profissional [...]. Para se obter resultados novos, são necessários modos novos de agir (LUCKESI, 2011a, p. 71).

E pensar a avaliação da aprendizagem a partir de perspectivas mais amplas e críticas implica pensá-la como elemento integrador dos processos de ensino e de aprendizagem. O que reforça as considerações de Condemarín e Medina (2005) sobre “avaliação autêntica”, como um processo participativo e multidirecional, inseparável do ensino e da aprendizagem e, conseqüentemente, um processo de reorientação da prática pedagógica em busca de novos conhecimentos, competências e habilidades dos estudantes. Para tanto, recomendam a utilização dos portfólios, pois dão a oportunidade de registrar todas as atividades, que demonstra o crescimento e o progresso dos estudantes em pastas para facilitar a observação desse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, fazer uma reflexão do uso desse instrumento que procura sempre melhorá-lo, o qual favorece, assim, a melhoria da qualidade do ensino.

Verdadeiros desafios para professores acostumados a cumprirem exigências burocráticas sem interagir com os estudantes no processo de construção do conhecimento. Por isso, a educação deve ser uma prioridade, em particular no que se refere, não só ao acesso, mas, também, à permanência das crianças na escola. Uma prioridade que está diretamente relacionada à qualidade do ensino e que não depende só de boas intenções, mas de decisões por mudanças de conduta, o que, por sua vez, exige abertura para o novo, observação crítica da realidade e da própria prática e disposição para estudar.

Ocorre que, embora “[...] fale-se muito em avaliação como acompanhamento e investigação dos processos de aprendizagem [...] investiga-se pouco ou quase nada”, diz Hoffmann, (2007, p. 14), por isso não se chega a uma prática educativa de qualidade de avaliação capaz de interpretar diferentes intensidades, qualidades, dimensões do aprender de cada aluno e o significado primeiro da ação avaliativa se perde no processo. Um significado de avaliação, cuja característica mais importante para Russell e Airasian (2014, p. 26) “é a sua habilidade de ajudar um professor a tomar as decisões adequadas”. Por isso, as primeiras avaliações realizadas pelo professor em uma turma, são importantes e devem ser decorrentes de percepções diretas ou indiretas justas e éticas sem rótulos, porque tendem a permanecer ao longo do ano.

Os autores se referem às decisões que devem ser tomadas pelo professor cotidianamente para que ele tome as atitudes corretas com base no desempenho dos

estudantes analisando a intelectualidade, afetividade, a interação com os colegas e, sobretudo, o que não foi aprendido pelos estudantes.

Nesta perspectiva é que Luckesi defende que o processo de avaliação começa no planejamento das aulas e implica, primeiramente, conhecer os estudantes, suas realidades, seus interesses e especificidades, pois é fundamental “investir no processo, a fim de incentivar os estudantes a dar o melhor de si naquilo que fazem” (LUCKESI, 2011, p. 65), sempre atentos à questão: afinal, a avaliação está a serviço de quê?

Outro autor que se dedica ao estudo e pesquisa sobre avaliação é Vasconcellos (2014, p.17) que conclui: “a avaliação é uma tarefa apaixonante, mas desafiadora”, pois o professor tem a grande preocupação de cumprir os prazos de entrega de notas ou conceitos, relatórios e outras obrigações burocráticas, por isso, pouco lhe sobra de tempo para se dedicar com o aprendizado dos estudantes ou com dificuldades de aprendizado. Além disso, muitas escolas não dispõem de infraestrutura para abrigar professores e alunos fora dos horários de aula, mesmo que o professor tenha boa vontade de fazer a diferença dentro da escola e colaborar com os estudantes a superar suas dificuldades. A avaliação é uma tarefa desafiadora sim, seria com ela que poderíamos garantir a efetiva aprendizagem de todos os estudantes, mas o professor apesar de suas boas intenções, não consegue atingir os objetivos desejados, não sabemos o porquê desse fracasso, mas é sempre o professor o responsável. Vasconcelos (2014, p. 39-40) aponta hipóteses explicativas para os problemas: Segundo ele, os professores não percebem o problema, porque estão alienados, sem perspectivas e marcados por justificativas ideológicas para o fracasso do aluno. Para reverter tal realidade Vasconcellos sugere:

A reversão do quadro de fracasso passa necessariamente por algumas exigências básicas.

1) Externas à escola

- Formação (inicial e continuada)
- Salário/plano de carreira/concurso
- Condições de trabalho[...]
- Família assumindo suas responsabilidades na educação dos filhos
- Valorização social da escola e de seus profissionais 2) Internas à escola
- Revisão das práticas e posturas dos profissionais que atuam na escola (VASCONCELOS, 2014, p. 45).

A avaliação é muito mais que mensurar os conhecimentos, que alunos conseguiram reter na memória, envolve julgamento de valor sobre dados relevantes da realidade (conteúdos e contextos), para uma tomada de decisão, não só por parte do professor, mas também do estudante, uma vez que ambos devem refletir sobre suas próprias práticas e aprendizagens durante todo o processo de ensino.

As concepções de avaliação apontam para a relevância de se compreender a importância da avaliação não só nas práticas de ensino ou avaliação da aprendizagem, mas também na estruturação do currículo e entender até que ponto a avaliação contribui com o desenvolvimento das potencialidades do processo educativo, atuando em uma dimensão diagnóstica, formativa ou somativa.

Mas, infelizmente, ainda hoje, as nossas práticas docentes em nossas escolas são marcadas mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem, ou seja, a lógica subjacente à prática pedagógica vigente é de que “se” o professor não aplicar provas, os alunos não estudam, e estes “só estudam” para fazer as provas. Nesta perspectiva, a avaliação pode ser entendida e aplicada mais como exame para controle, castigo, prêmio, classificação e/ou promoção, do que como um

[...] mecanismo subsidiário pelo qual o professor iria detectando os níveis de aprendizagem atingidos pelos alunos e trabalhando para que atinjam a qualidade ideal mínima necessária. Só passaria para um conteúdo novo, quando os alunos tivessem atingido esse patamar mínimo (LUCKESI, 2011a p. 57).

Os professores sabem que mudanças em sua prática pedagógica, bem como na condução dos processos de ensino e de aprendizagem, de modo a torná-lo mais atrativo para os alunos, são necessárias, o que implica reestruturação, reorganização e ressignificação de conteúdos, métodos, objetivos de ensino e formas de avaliação da aprendizagem, uma vez que esses são elementos indissociáveis do processo de ensino. Na verdade, todos nós esperamos por uma prescrição onde pudéssemos seguir como uma receita de bolo, e no final termos alcançado o sucesso; o bolo pronto, ou seja, o aprendizado dos estudantes.

A própria LDB/9394/1996 prevê a avaliação a partir dessa perspectiva, completamente oposta à tradicional, que mede, classifica e segrega.

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (BRASIL, LDB/1996).

Por outro lado, é importante registrar que, embora os autores considerem as provas como uma espécie de “filtragem” entre bons e maus alunos, não significa que aplicá-las não seja um ato legal, ou uma boa prática de avaliação. Qualquer instrumento que aplicarmos para avaliar será útil se os resultados obtidos forem analisados como um diagnóstico e não como uma classificação da turma. Uma avaliação entendida em suas dimensões diagnóstica, formativa e somativa, por sua vez, também não se esgota em si mesma, é necessário que seja utilizada como um meio pelo qual se pretende alcançar os objetivos da aprendizagem, teórica e metodologicamente orientada, constituindo-se, pois, em um instrumento de reorientação, tanto do processo de ensino, quanto da aprendizagem.

A seguir apresentamos alguns quadros conceituais sobre “avaliação”, “examinação” e “avaliação como reorientação” respectivamente, segundo os principais autores do nosso referencial conceitual: Luckesi (2011a, 2011b e 2014) e Hoffmann (2007, 2014a e 2014b), que nos auxiliaram nos dados qualitativos das entrevistas e deu-nos sustentação para análise das percepções dos professores entrevistados na pesquisa de campo.

Quadro 1 - Avaliação segundo Luckesi

01	[...] o ato de avaliar se caracteriza pelo seu diagnóstico e pela inclusão (LUCKESI, 2011a, p. 29).
02	[...] a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo (LUCKESI, 2011a, p. 45).
03	O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto (LUCKESI, 2011a, p. 52-53).
04	A prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado (LUCKESI, 2011a, p. 59).

05	A avaliação é um diagnóstico da qualidade dos resultados intermediários ou finais; [...] é dinâmica, [...] (LUCKESI, 2011a, p. 59).
06	[...] a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não se contenta com qualquer resultado, mas somente com o resultado satisfatório. Mais que isso: não atribui somente ao educando a responsabilidade pelos resultados insatisfatórios; investiga suas causas, assim como busca e realiza ações curativas. O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções (LUCKESI, 2011a, p. 64).
07	A avaliação da aprendizagem é democrática, pois que, sendo inclusiva, acolhe a todos, o que se opõe ao modelo social hierarquizado e excludente da sociedade burguesa, daí ser difícil praticá-la (LUCKESI, 2011a, p. 70).
08	Avaliar é um ato subsidiário da obtenção de resultados positivos com nossa ação. [...] Por que, então, na prática educativa, nos contentamos com o fracasso de nossos educandos; [...]? A avaliação subsidia, em qualquer atividade humana, o resultado bem-sucedido (LUCKESI, 2011a, p. 71-72).
09	[...] a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (Luckesi, 1978) (LUCKESI, 2011a, p. 81).
10	[...] com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc (LUCKESI, 2011a, p. 82-83).
11	[...] a avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada, para, em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada [...] (LUCKESI, 2011a, p. 82).
12	A avaliação da aprendizagem existe propriamente para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Ela tem a função de possibilitar <i>uma qualificação da aprendizagem do educando</i> . Observar bem que estamos falando de <i>qualificação</i> do educando e não de <i>classificação</i> (LUCKESI, 2011a, p. 101).
13	Entendemos por <i>avaliação</i> como um <i>juízo de qualidade sobre dados relevantes</i> , tendo em vista <i>uma tomada de decisão</i> (LUCKESI, 2011a, p. 104).
14	A avaliação crítica aponta alternativas de melhorias. [...] será então um ato amoroso, um ato de cuidado [...] (LUCKESI, 2011a, p. 136-137).
15	[...] a avaliação da aprendizagem é um mecanismo subsidiário do planejamento e
16	da execução. É uma atividade subsidiária e estritamente articulada com a execução. É uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma. Ela só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados (LUCKESI, 2011a, p. 168).
17	A atividade de avaliar caracteriza-se como um meio subsidiário de crescimento; meio subsidiário da construção do resultado satisfatório (LUCKESI, 2011a, p. 183).

18	Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. [...] A avaliação tem por base acolher uma situação para, então (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz à exclusão) (LUCKESI, 2011a, p. 205-206).
19	A avaliação da aprendizagem na escola tem dois objetivos: auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado (LUCKESI, 2011a, p. 206-207).
20	De fato, não existe “avaliação quantitativa”; avaliação, para efetivamente ser avaliação, implica que seja qualitativa, pois que avaliação significa <i>atribuir valor</i> (qualidade) a um determinado objeto. [...] usar a expressão “avaliação qualitativa” implica um pleonasma desnecessário, desde que toda e qualquer prática avaliativa está comprometida com a “qualidade” (LUCKESI, 2014, p.31).

Quadro 2 - Avaliação segundo Hoffmann

01	Dar nota não é avaliar, fazer prova não é avaliar, registrar notas ou fazer boletins não é avaliação (HOFFMANN, 2014b, p. 19).
02	A avaliação é essencial à educação (HOFFMANN, 2014b, p. 22).
03	A avaliação é a reflexão transformada em ação (HOFFMANN, 2014b, p. 24).
04	[...] a avaliação de seu significado básico de investigação e dinamização do processo do conhecimento (HOFFMANN, 2014b, p. 26).
05	[...] avaliar é dinamizar oportunidades de autorreflexão pelo acompanhamento permanente do professor que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas que este vai formulando (HOFFMANN, 2014b, p. 27).
06	A avaliação, então, deixará de ser um momento terminal do processo educativo (como ainda é concebida) para se transformar na busca incessante de compreensão das finalidades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento (HOFFMANN, 2014b, p. 28).
07	[...] a ação avaliativa em sua função dialógica e interativa com a intenção de promover o desenvolvimento moral e intelectual dos alunos, tornando-os críticos e participativos, inseridos no seu contexto social e político (HOFFMANN, 2014b, p. 31).
08	A concepção de avaliação dos professores revela-se na sua ação cotidiana [...] e não em momentos definidos burocraticamente pelo sistema escolar, de apresentação de resultados ou elaboração de relatórios (HOFFMANN, 2014b, p. 44).
09	Avaliação é “movimento”, é ação e reflexão (HOFFMANN, 2014b, p. 80).

10	É papel do avaliador a “rigorosa amorosa”, como nos ensinou Paulo Freire. Acompanhar com muito rigor toda a produção do conhecimento do aluno, mas com apoio permanente, amoroso, para promover a sua superação, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos (HOFFMANN, 2014b, p. 97).
11	A ação avaliativa mediadora tem a intenção de contribuir para a superação de quaisquer posicionamentos classificatórios, arbitrários, excludentes que reforcem as relações de poder no ambiente escolar (HOFFMANN, 2014b, p. 103).
12	O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, a transformação (HOFFMANN, 2014b, p. 138).
13	A avaliação é essencial à docência no seu sentido de constante inquietação, de dúvida (HOFFMANN, 2014b, p. 139).
14	Avaliação numa visão libertadora/mediadora: <ul style="list-style-type: none"> - Ação coletiva e consensual - Proposição de conscientização das desigualdades sociais e culturais - Postura cooperativa entre os professores e todos os envolvidos na ação educativa - Privilégio à aprendizagem significativa - Consciência crítica e responsável de todos sobre o cotidiano (HOFFMANN, 2014b, p. 142).

Tal como Luckesi, Hoffmann também se refere à necessidade de mudança de conduta dos professores e dos mesmos adotarem

[...] princípios inerentes a uma proposta construtivista/sociointeracionista de educação, e a uma pedagogia libertadora, conscientizadora das diferenças sociais e culturais, considerando a ação avaliativa em sua função diagnóstica e interativa com a intenção de promover o desenvolvimento moral e intelectual dos alunos, tornando-os críticos e participativos, inseridos no contexto social e político (HOFFMANN, 2014b, p. 31).

Para tanto, Hoffmann se propõe a gerar um estado de alerta do professor sobre o significado de sua prática a partir de uma reflexão profunda sobre concepções de avaliação e de educação provocando-o a descobrir caminhos para contrapor ao mito da avaliação, "desacomodando práticas rotineiras, automatizadas" (HOFFMANN, 2014b, p.13).

A estratégia adotada por Hoffmann para que os professores passem a trilhar novos caminhos no que diz respeito à avaliação da aprendizagem é partir das experiências vividas por eles, ouvir e respeitar suas sensibilidades.

Ao considerar que a interação entre iguais é importante e que os professores devem assumir o papel de mediadores entre os educandos e o objeto do conhecimento dinamizando e viabilizando as trocas, Hoffmann defende que tarefas individuais, discussão, trabalhos em grupo, a discussão de hipóteses sobre os resultados de avaliação e anotações significativas sobre o acompanhamento do processo são princípios coerentes com uma ação avaliativa mediadora (HOFFMANN, 2014a,72-86).

Percebe-se que todos os autores partem do princípio de que a educação é um processo dinâmico e complexo e deixa de ter a função de aprovar ou reprovar o estudante, por isso, propõem a contextualização e a historicização dos saberes, bem como as transformações paradigmáticas, o que vai de encontro aos fundamentos subjacentes às práticas de avaliação segregadoras e classificatórias que, infelizmente, persistem em nosso meio educacional. Assim, para se compreender o conceito de avaliação mediadora (HOFFMANN, 2014a), avaliação contínua e cumulativa (BRASIL, 1996), avaliação autêntica (CONDEMARÍN e MEDINA, 2005), avaliação diagnóstica (LUCKESI, 2011), e superar as práticas de avaliação predominante em nossas escolas e utilizá-las como instrumento de reorientação do ensino e da aprendizagem, é fundamental desvelar a trama de conceitos multidimensionais a elas subjacentes, “construindo um novo significado para a avaliação e desmistificando-a de fantasmas de um passado ainda muito em voga” (HOFFMANN, 2014b, p.17). Para complementar isso tudo, Scallon afirma que “A avaliação implica igualmente a ideia de continuidade: não se trata mais de lidar com uma sucessão de ações isoladas, mas de imaginar um conjunto de procedimentos complementares de coleta de informações” (SCALLON, 2015, p.24).

Vimos que conceituar a avaliação não é algo fácil, mas complexo e dinâmico devido as suas múltiplas concepções, interpretações e dimensões, cabe a nós professores, encontrar a forma certa de agir de acordo com o referencial adotado e dinamizar o sistema de avaliação em nossas práticas docentes.

2.2 EXAMINAÇÃO

Segundo Luckesi (2011a, p.40) o *exame* é um conceito herdeiro da pedagogia jesuítica, comeniana e burguesa² que, além de não contribuir na construção da aprendizagem, ainda desenvolve personalidades submissas úteis somente para processos de seletividade social. Ou seja, um conceito que leva a uma prática que não faz mais que reforçar uma educação acrítica, reprodutivista, seletiva e excludente presente na prática de muitos professores brasileiros, que contribuem apenas para desenvolver personalidades submissas. A *examinação*, pois, é uma prática voltada fundamentalmente para a verificação de resultados, sejam eles, em relação ao domínio de conteúdo (pedagogia tradicional) ou ao domínio de comportamento (autoritarismo disciplinar, ameaça, castigo e tortura psicológica).

Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. E isso basta. Deste modo, o ato de examinar está voltado para o passado, na medida em que deseja saber do educando somente o que ele já aprendeu; o que ele não aprendeu não traz nenhum interesse (LUCKESI, 2011a, p. 62).

Enfim, como foi dito anteriormente, *exame* se constitui em uma prática que não faz mais que reforçar uma educação acrítica, seletiva e excludente. O quadro abaixo destacamos alguns conceitos que encontramos e que definem a *examinação* e que auxiliaram nas discussões de dados de pesquisa empírica:

Quadro 3 - *Examinação segundo Luckesi*

01	[...] o ato de examinar se caracteriza, especialmente (ainda que tenha outras características) pela <i>classificação</i> e <i>seletividade</i> do educando, [...] sua função é de sustentar a aprovação ou reprovação do educando; [...] (LUCKESI, 2011a, p. 29).
02	[...] não auxilia a aprendizagem dos estudantes. [...] não cumprirá a sua função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem (LUCKESI, 2011a, p. 43).
03	[...] psicologicamente é útil para desenvolver personalidades submissas (LUCKESI, 2011a, p. 43).
04	[...] sociologicamente, [...] é bastante útil para os processos de seletividade social (LUCKESI, 2011a, p. 43).

² Segundo Luckesi (op. cit.), tais práticas já estavam inscritas nas pedagogias dos séculos XVI e XVII, no processo de emergência e cristalização da sociedade burguesa e perduram ainda hoje.

05	Neste sentido, a verificação transforma o processo dinâmico da aprendizagem em passos estáticos e definidos (LUCKESI, 2011a, p. 54).
06	Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. E isso basta. [...] o que ele não aprendeu não traz nenhum interesse (LUCKESI, 2011a, p. 62).
07	Os exames escolares, de forma como existem hoje, desde que foram sistematizados no século XVI, carregam uma carga de ameaça e castigo sobre os educandos, cujo objetivo é aprisioná-los, para que disciplinadamente estudem, aprendam [...] (LUCKESI, 2011a, p. 68).
08	Os exames são excludentes e, por isso, compatível com o modelo de sociedade dentro do qual existe e se realiza (LUCKESI, 2011a, p. 70).
09	Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo do crescimento; [...] subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão [...] (LUCKESI,
10	2011a, p. 82-83).
11	A prática classificatória da avaliação é antidemocrática, uma vez que não encaminha uma tomada de decisão para o avanço, para o crescimento (LUCKESI, 2011a, p. 112).
12	Em decorrência de padrões histórico-sociais, que se tornaram crônicos em nossas práticas pedagógicas escolares, a avaliação no ensino assumiu a prática de “provas e exames”; o que gerou um desvio de no uso da avaliação. Em vez de ser utilizada para a construção de resultados satisfatórios, tornou-se um meio para classificar os educandos e decidir sobre os seus destinos no momento subsequente de suas vidas escolares (LUCKESI, 2011a, p. 184).

Quadro 4 - Examinação segundo Hoffmann

01	[...] sentenças irrevogáveis de juízes inflexíveis, de réus em sua maioria culpados (HOFFMANN, 2014b, p. 25-26).
02	[...] conceber a ação avaliativa como um procedimento que se restringe a um momento definido, [...] reduzem a avaliação a uma prática de registros finais do desempenho do aluno desvinculada do cotidiano da sala de aula (HOFFMANN, 2014b, p. 39).
03	[...] avaliar seria julgar o resultado do trabalho da criança após o término da atividade, uma apreciação final do seu desempenho para fins de registros (HOFFMANN, 2014b, p. 44).
04	[...] a avaliação está atrelada à concepção classificatória, de julgamento de resultados finais, sem a preocupação com o processo de aprendizagem (HOFFMANN, 2014b, p. 50).
05	Estabelecem-se notas e conceitos por métodos impressionistas ou por comparação, incorrendo em arbitrariedades (HOFFMANN, 2014b, p. 62).

06	[...] os professores aceitam e reforçam o velho e abusivo uso das notas, sem percebê-lo como um mecanismo privilegiado de competição e seleção nas escolas (HOFFMANN, 2014b, p. 69).
07	[...] constatar resultados e expressar tais resultados em graus numéricos, temos aí dois procedimentos que contribuem fortemente para a concepção de avaliação sentenciva e classificatória (HOFFMANN, 2014b, p. 72).
08	E a avaliação assume a função comparativa e classificatória, negando as relações dinâmicas necessárias à construção do conhecimento, solidificando lacunas de aprendizagem (HOFFMANN, 2014b, p. 94).
09	Avaliação numa visão liberal <ul style="list-style-type: none"> - Ação individual e competitiva - Concepção classificatória, sentenciva - Intenção de reprodução das classes sociais - Postura disciplinadora e diretiva do professor - Privilégio à memorização - Exigência burocrática periódica (HOFFMANN, 2014b, p. 143).

Se analisarmos nossas práticas docentes e de nossos colegas, em muitas escolas, praticamos predominantemente “exames”, mas, chamamos de “avaliações”, pois exames estão relacionados aos conteúdos passados, examinar o que foi aprendido pelos estudantes e após classificá-los, conforme seu desempenho, é o que geralmente acontece nas nossas escolas. A “semana de prova” define essa pontualidade da examinação, onde todos os professores irão verificar e classificar o que os seus estudantes aprenderam, e nada mais, é um produto final que independentemente do resultado do desempenho é atribuído exclusivamente ao estudante, enquanto o professor se abstém desses resultados, instalando-se assim uma competição entre os estudantes, assim surge sentimentos de superioridade e inferioridade entre eles. O insucesso é atribuído à falta de dedicação desses estudantes que possibilita uma característica autoritária a esse sistema de examinação. Luckesi e Hoffmann atribuem diversos conceitos e explicações ao ato de examinar e observa-se em ambos, as mesmas características da examinação: classificatória, pontual, excludente, autoritária, antidemocráticos, instrumento estático, que diferem em algumas nuances, mas são unânimes em afirmar a diferença entre o ato de avaliar e examinar.

2.3 RELAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E EXAMINAÇÃO

No que diz respeito às diferenças entre avaliação e examinação da aprendizagem escolar; falamos em avaliação de nossos estudantes, mas na verdade os examinamos, atribuímos-lhes notas e classificações. Ou seja, os exames são disfarçados de avaliação em nossas escolas, porém, a grande diferença é que eles são pontuais: marca-se o dia, e sem nenhum obstáculo (pois nada interessa além da prova) os exames são realizados e o que importa é apenas o que o estudante desenvolveu durante o tempo que estava com a prova na mão. Após a entrega da prova, só se espera o resultado, nada mais é considerado, nem mesmo, se a partir daquela prova o estudante possa ter aprendido algum conteúdo, mas não poderá ser registrado.

A *avaliação*, que oposta ao exame, *não é pontual*, não exige que todos os estudantes aprendam um determinado conteúdo ao mesmo tempo, dia e hora marcados. Eles poderão ser avaliados de acordo com o seu desempenho no decorrer do ano letivo, quando aprender será avaliado e é claro, bem-sucedido, pois aprendeu o que tinha que aprender, e dessa forma não existe a classificação e nem a exclusão, a avaliação considera o estudante como um todo em desenvolvimento, em constante aprendizagem, não interessando a classificação daquele momento, a reprovação ou a aprovação. O importante é que o estudante aprenda e cresça, por isso a avaliação é *diagnóstica* e *inclusiva*, todos os estudantes estão em constante aprendizado e evolução do conhecimento.

Tais diferenças são cruciais ao se tratar do processo de ensino e da aprendizagem e infelizmente herdamos todas as características da examinação que estão incrustadas dentro de nossas práticas docentes e, muitas vezes, passam despercebidas pelos professores.

Com os resultados nas mãos dos professores, os estudantes são classificados em aprovados e reprovados e, geralmente, entregam as provas e consideram o valor das notas em ordem decrescente. O primeiro a receber as provas são os estudantes que tiraram as melhores notas. Aqueles que repetidamente tiram notas baixas começam a se martirizar, a sentirem-se incompetentes, e são, geralmente, marginalizados, ou excluídos do processo de ensino, como consequência desses fatores.

Assim, os exames acabam por constituir um poderoso instrumento de exclusão social, pois não contribuem com o processo de aprendizagem dos estudantes de modo a torná-los capazes de enfrentarem a concorrência para ingressar em uma universidade e/ou no mercado de trabalho.

Em síntese, avaliação está relacionada, sobretudo, com fiscalização e controle, enquanto avaliação, embora possa ser interpretada de muitas maneiras diferentes pelas suas peculiaridades e conforme as atividades humanas, está relacionada à apreciação, à reflexão e à análise de todos os elementos que envolvem o processo de ensino e da aprendizagem, e tais diferenças são cruciais, se o objetivo é valorizar a participação dos estudantes no processo de ensino e sua aprendizagem.

2.4 AVALIAÇÃO COMO REORIENTAÇÃO DO ENSINO

Primeiramente, é preciso esclarecer que a *reorientação* do ensino difere de *orientação*. Isto porque, a *orientação* diz respeito a dar um rumo, uma direção.

Limita-se ao momento do planejamento, o professor determina o caminho desejado para seu plano de ensino antes mesmo de executá-lo. A *reorientação*, por sua vez, significa orientar de novo, em outro sentido, ou em outra direção, se, e quando necessário, durante o processo. Assim, reorientar é uma ação consciente, dinâmica e voltada para atingir determinados objetivos, depois da avaliação que fornece indicadores para novos rumos. No caso da avaliação do ensino, é detectar seus limites e possibilidades no que diz respeito à promoção da aprendizagem dos estudantes e do professor, não de resultados para classificá-los em aprovados e reprovados, mas de verificar até que ponto os resultados foram ou não alcançados, as habilidades foram ou não construídos e o que pode ser feito para reconstruir.

Mas, não se pode esquecer que a avaliação não existe e não opera por si mesma, em qualquer nível de ensino em que ocorra, ou seja, está sempre a serviço de um projeto ou de um conceito teórico. Em outras palavras, a avaliação é determinada pelas concepções que fundamentam a proposta de ensino, porque

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica (CALDEIRA, 2000, p. 122).

O que Caldeira esclarece é que por trás de qualquer prática avaliativa há um conceito orientado e sustentado por determinada posição teórica e metodológica, seja lá em que instância ela esteja sendo aplicada. E quando se fala em processo, avanço e crescimento, significa pensar na função formativa da avaliação e seu papel de reorientação do processo de ensino.

Neste quesito, vale reproduzir as palavras de Haydt:

A avaliação formativa está muito ligada ao mecanismo de *feedback*, à medida que também permite ao professor detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo (HAYDT, 2008, p. 18).

A avaliação, nesta perspectiva, passa a ser entendida com atenção especial ao desempenho do estudante, à reorientação da prática educativa (do ensino) para uma intervenção pedagógica a fim de, não só melhorar os resultados, mas garantir a aprendizagem dos estudantes.

Como preconizam Condemarín e Medina ao definirem o significado de avaliação autêntica aplicada à área da linguagem e comunicação, elas afirmam que:

A **avaliação autêntica**, ao contrário da avaliação tradicional, cujo principal objetivo é certificar, **tem como finalidade prioritária melhorar o processo de ensino-aprendizagem** que ocorre na interação de um professor com seus alunos. Também tem como objetivo informar e orientar os alunos e os pais sobre seus avanços, centrando-se fundamentalmente em suas aptidões, interesses, capacidades e competências (CONDEMARÍN; MEDINA, 2005, p. 6 – 7) [grifo nosso].

Percebe-se que a avaliação autêntica, a que se referem às autoras salientam nos pontos fortes dos estudantes, podemos extrapolar e dizer que está dentro da perspectiva de *avaliação como instrumento de reorientação* das práticas de ensino e aprendizagem e trata dos aspectos pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem tais como “aptidões”, “interesses”, “capacidades” e “competências”, o que permite gerar mudanças no professor e no estudante em favor da construção do conhecimento.

Do levantamento bibliográfico feito encontramos a dissertação de Azevedo (2010) denominada “Avaliação: uma proposta de orientação da aprendizagem do aluno e reorientação da prática pedagógica do professor”, que está intimamente relacionada ao nosso problema de pesquisa. A autora desenvolveu sua pesquisa em

uma Escola de ensino médio, da cidade Pelotas, Rio Grande do Sul e analisou as representações de estudantes sobre avaliação, de uma turma de 25 alunos, a fim de promover uma mudança qualitativa na sua prática avaliativa. Segundo ela, desenvolveu um trabalho que se configurou como pesquisa-ação e buscou entender o que os estudantes compreendem pelo processo avaliativo, quais as barreiras encontradas, quais as contribuições dos estudantes para a sua prática avaliativa. Prevaleceu a ideia de que a avaliação é uma forma de verificar e diagnosticar a aprendizagem dos estudantes e contribuir para orientar o trabalho do professor.

A autora informa que uma barreira detectada, foi atribuída às avaliações serem pontuais e classificatórias. Em suas considerações finais Azevedo (2010) destaca que de forma pouco expressiva os estudantes revelaram que a avaliação é uma maneira de orientar a prática do professor, ou seja, é usada como instrumento de controle, poder e coerção dos mesmos sobre a conduta deles.

Luckesi também traz contribuições relevantes para no que diz respeito à avaliação diagnóstica e, portanto, como reorientação do processo de ensino:

[...] a avaliação da aprendizagem é uma prática rigorosa de acompanhamento do educando, tendo em vista sua aprendizagem e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento [...] ela permite tomar conhecimento do que se aprendeu e do que não se aprendeu e reorientar o educando para que supere suas dificuldades e carências, visto que o importante é aprender (LUCKESI, 2011b, p. 376).

Posto isto,

[...] haveria necessidade de um efetivo investimento na *conquista* da qualidade satisfatória no desempenho do educando, o que implica um *planejamento* consistente do que é necessário ensinar, na *execução efetiva* de todos os atos pedagógicos necessários para que o educando efetivamente aprenda, no uso da *avaliação* como recurso de diagnóstico do desempenho do educando, tendo em vista sua *reorientação*, se necessária (LUCKESI, 2014, p.103-104).

Trata-se, pois, de estudos desenvolvidos por um autor que contribuiu sobremaneira na realização de nossa pesquisa, juntamente com aqueles desenvolvidos por Hoffmann (2007, 2014a e 2014b) que, embora utilize uma terminologia própria ao se referir de uma prática avaliativa que precisa ser construída - a avaliação mediadora - os princípios a ela subjacentes, complementam aqueles defendidos por Luckesi (2011a, 2011b e 2014). Ou seja, ambos defendem um tipo de

avaliação que esteja a serviço da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, o que significa compreender verdadeiramente o sentido da avaliação escolar e o papel de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Hoffmann se aproxima da concepção da avaliação como reorientação do ensino ao afirmar que

É sumamente importante em avaliação mediadora o acompanhamento individual pelo professor das tarefas realizadas em todos os graus de ensino. Acompanhar não é retificar, reescrever, sublinhar, apontar erros e acertos, mas interpretar, refletir a respeito e buscar estratégias pedagógicas para melhor orientar cada aluno na busca de melhores soluções (HOFFMANN, 2014b, p. 101).

Ou ainda, “Além disso, o sentido da avaliação é de encaminhamento (tomar providência) e não de constatação” (HOFFMANN, 2014a, p. 126). Essa concepção dinâmica da avaliação se localiza na sua concepção como instrumento de reorientação do ensino.

O quadro, abaixo, apresenta as principais características de uma avaliação como reorientação do processo de ensino.

Quadro 5 - Avaliação como Reorientação do Ensino segundo Luckesi

01	[...] os encaminhamentos que estaremos fazendo para a prática da avaliação da aprendizagem destinam-se a servir de base para tomadas de decisões no sentido de construir <i>com</i> e <i>nos</i> educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o seu efeito desenvolvimento, [...] (LUCKESI, 2011a, p. 46).
02	[...] atentar para as dificuldades e desvios da aprendizagem dos educandos e decidir trabalhar com eles para que, de fato, aprendam aquilo que deveriam aprender, construam efetivamente os resultados necessários da aprendizagem (LUCKESI, 2011a, p. 51).
03	A avaliação, ao contrário, manifesta-se como um ato dinâmico que qualifica e subsidia o reencaminhamento da ação, possibilitando consequências no sentido da construção dos resultados que se deseja (LUCKESI, 2011a, p. 54).
04	[...] propomos que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando (LUCKESI, 2011a, p. 54).
05	[...] a partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas, tendo em vista: - a reorientação imediata da aprendizagem, caso sua qualidade se mostre insatisfatória [...] (LUCKESI, 2011a, p. 55).

06	Assim a avaliação é diagnóstica. Como investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu. O que já aprendeu está bem; mas, o que não aprendeu (e necessita de aprender, porque essencial) indica a necessidade da intervenção de reorientação..., até que aprenda (LUCKESI, 2011a, p. 62-63).
07	Ela oferece os recursos para <i>diagnosticar</i> (investigar) uma ação qualquer e, a partir do conhecimento que obtém sobre a qualidade dos resultados dessa ação, <i>intervir</i> nela para que se encaminhe na direção dos resultados desejados (LUCKESI, 2011a, p. 72).
08	[...] a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista <i>tomar decisões</i> suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem (LUCKESI, 2011a, p. 115).
09	Enquanto o planejamento traça previamente os caminhos, a avaliação subsidia os redimensionamentos que venham a se fazer necessários no percurso da ação. A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora (LUCKESI, 2011a, p. 184).
10	De fato, a avaliação da aprendizagem deveria servir de suporte para a qualificação daquilo que acontece com o educando, diante dos objetivos que se têm, de tal modo que se pudesse verificar como agir para ajuda-lo a alcançar o que procura. A avaliação não deveria ser fonte de decisão sobre castigo, mas de decisão sobre os caminhos do crescimento sadio e feliz (LUCKESI, 2011a, p.199).
11	Avaliar um aluno com dificuldades é criar a base do modo de como incluí-lo dentro do círculo da aprendizagem; o diagnóstico permite a decisão de direcionar ou redirecionar aquilo ou aquele que está precisando de ajuda (LUCKESI, 2011a, p. 206).
12	Caso o estudante, por meio do instrumento de coleta de dados, manifeste não ter processado a aprendizagem satisfatória em um ou outro dos tópicos de conteúdos, deverá ser reorientado para que aprenda e até que aprenda. Com esse procedimento, chegar-se-á ao nível de satisfatoriedade plena da aprendizagem proposta e necessária. Será o investimento na qualidade da aprendizagem que produzirá a satisfatoriedade (LUCKESI, 2014, p. 107).

Quadro 6 - Avaliação como Reorientação do Ensino segundo Hoffmann

01	[...] O fato de considera-la reduzida a uma dimensão de procedimento final, dissociado do cotidiano da sala de aula e da ação educativa, limita as discussões e reflexões necessárias em termos das intervenções positivas ou negativas dos professores quanto ao processo de aprendizagem dos alunos (HOFFMANN, 2014b, p. 44-45).
02	Para que se reconstrua o significado da ação avaliativa, é necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação-reflexão-ação no dia a dia da sala de aula (HOFFMANN, 2014b, p. 46).

03	O teste é fundamentalmente um instrumento de questionamento sobre as percepções de mundo, avanços ou incompreensões dos alunos. Exige do professor uma tarefa séria de interpretação [...] (HOFFMANN, 2014b, p. 74).
04	É necessário, igualmente, dar-se conta da superficialidade das notas. [...] essa significativa diferença irá levar o professor a pensar em orientações e explicações distintas a cada um dos alunos em sala de aula (HOFFMANN, 2014b, p. 78).
05	É sumamente importante em avaliação mediadora o acompanhamento individual pelo professor das tarefas realizadas em todos os graus de ensino. Acompanhar não é retificar, reescrever, sublinhar, apontar erros e acertos, mas interpretar, refletir a respeito e buscar estratégias pedagógicas para melhor orientar cada aluno na busca de melhores soluções (HOFFMANN, 2014b, p. 101).
06	[...] a avaliação importa para uma educação libertadora, para uma escola inclusiva, desde que seu papel não seja o de apresentar verdades autoritárias, mas investigar, problematizar e, principalmente, garantir o acompanhamento individual a todos os alunos (HOFFMANN, 2014b, p. 138).

Luckesi defende a ideia da reorientação, pois a avaliação diagnóstica precisa ser direcionada conforme o desenvolvimento dos estudantes para que todos atinjam o ápice do conhecimento. Hoffmann por outro lado fala da avaliação mediadora, que se analisarmos mais atentamente é uma avaliação diagnóstica também e que privilegia uma intervenção construtiva, criativa e respeita cada fase de desenvolvimento dos estudantes. É fácil perceber que nesta função da avaliação os docentes preocupam-se em investigar o que não foi aprendido para a reorientação de suas práticas, sendo um instrumento de coleta de informações sobre a aprendizagem dos estudantes a fim de tomar as decisões necessárias para a melhoria da mesma e obter uma nova concepção em avaliação mais dialógica, que afasta o professor de ser o detentor e transmissor do conhecimento, auxiliando, motivando o estudante a superar as dificuldades e atingir seus objetivos.

Da análise bibliográfica feita podemos inferir Caldeira (2000), Haydt (2008), Condemarin e Medina (2005), Azevedo (2010), Luckesi (2011a; 2011b; 2014) e Hoffmann (2007; 2014a, 2014b) como referenciais conceituais da nossa pesquisa quanto à perspectiva de conceber a avaliação como *instrumento de reorientação do ensino*, referencial que nos possibilitou desenvolver uma análise reflexiva e crítica dos resultados das observações de campo (por meio das entrevistas semiestruturada).

A pesquisa que desenvolvemos, cujo processo e resultados apresentamos a seguir, se deu exatamente nesse sentido: verificar as percepções dos professores sobre avaliação, como têm avaliado seus estudantes e contribuir na produção de conhecimento sobre avaliação como instrumento de reorientação do ensino de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental. Assim, passamos então à análise dos dados da pesquisa empírica, no capítulo terceiro.

3 AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO

Neste capítulo apresentamos as entrevistas e a análise das falas dos 06 professores de Ciências da Natureza no município de Rondonópolis-MT, para entendermos suas percepções sobre avaliação como reorientação do ensino e as diferenças entre examinação e avaliação, seguido pela análise das dez categorias construídas.

Quadro 07 – Estudo da Avaliação na Licenciatura

1- Estudou Avaliação na Licenciatura?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
<p>Professor 01: “Estudei, mas como você sabe, a prática pedagógica no curso superior é bem superficial, na época que eu me formei na UFMT, eu me formei em 2010, eu voltava muito para a prática de pesquisa, pro ensino da Biologia, mas quando chegou a prática pedagógica mesmo, teve o ensino, mas foi bem superficial, acho que em todos os cursos de licenciatura, o que eu tive de noção foi quando comecei a trabalhar e aí nós tivemos os estudos, na sala do educador.”</p>	Estudo superficial na licenciatura sobre avaliação	Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura.
	Aprendizado adquirido na prática e nos estudos na formação contínua no Projeto Sala do Educador.	Estudos da Avaliação na formação contínua em serviço.
<p>Professor 02: “Estudei. Eles sempre falam assim, trabalhando de forma contínua, analisando o que o aluno não sabe, relacionar com o conteúdo da disciplina, e a gente vai analisando todas as aulas a participação do aluno em sala, a própria avaliação, um meio mesmo de analisar se o aluno entendeu ou não aquele conteúdo, então... mais nesse sentido que a gente estudou.”</p>	Estudou e trabalha avaliação de forma contínua investigando o aprendizado do estudante.	Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura.

<p>Professor 03: “Sim, só que a avaliação, né, quando eu estudei era nota né, hoje, quando eu terminei o curso de licenciatura, quando fiz o primeiro curso, eu fiz Ciências Exatas, Licenciatura Curta, depois eu fiz complementação em Biologia, então o ensino de metodologia, a gente aprendeu sobre os processos de avaliação, só que hoje o processo de avaliação é diferente, a escola é ciclada, e nós temos um novo tipo de avaliação totalmente diferente né, antes a gente dava nota, hoje não, o ciclo de formação, nós temos um tipo de avaliação diferente, que é uma avaliação contínua, então o ciclo de formação a gente avalia o dia a dia do aluno, então uma avaliação é... não é punitiva... não mede a quantidade, mas a qualidade do desenvolvimento do aluno no seu dia a dia, e a gente avalia tudo, participação, seu desenvolvimento, a interação dos alunos, seus questionamentos, e a gente vai instigando também a partir do seu conhecimento que ele traz também, na ciências é fácil, para estar instigando e comparando o seu dia a dia o conhecimento dele, que ele traz e podemos estar conduzindo essa avaliação, para que ele possa discernir o conceito real dos conceitos da mídia, do senso comum, e as metodologias são diversificadas, se conduz o trabalho e ele esta sendo avaliado numa continuidade e não nota e nem punitiva, como no ciclo de formação o aluno tem o seu tempo de aprender, a gente sempre vai e volta, para introduzir outro conteúdo.”</p> <p>1.1 Tem avaliações escritas também? “Tem o simulado, mas nós não colocamos nota, colocamos o total de acertos, só pra verificação se houve ou não um maior fixação do conteúdo, se conseguiu alcançar o objetivo que se quer do conteúdo. ”</p>	<p>Estudo superficial sem fundamentação e sem a associação a prática pedagógica</p>	<p>Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura.</p>
<p>Professor 04: “Sim. Me lembro pouco, mas foi dito assim, sobre avaliação quantitativa, aquela que trabalha mais com a quantidade, a somativa, que trabalha mais com a qualidade ou qualitativa, que ela é um processo fundamental ao final do conteúdo trabalhado, é importante averiguar o que foi entendido pelo aluno, a partir da avaliação, seja ela oral, escrita como for, mas ela é necessária fazer. Aí quando eu entrei na carreira tem a sala do educador que tem variados estudos que vem a complementar tudo isso, atualizar realmente tudo o que tinha visto sobre avaliação, retomar essa questão do ensino-aprendizagem, eu me recordo pouco, e nos prepara pouco, a gente acaba aprendendo na prática, na sala de aula, sozinho. ”</p>	<p>Estudo na licenciatura sobre os tipos de avaliação</p>	<p>Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura.</p>
<p>Professor 05: “Sim. Na psicologia da aprendizagem e teve uma outra disciplina, foi mais no curso da matemática, na biologia nós não tivemos, psicologia da aprendizagem e teve uma disciplina específica que falava sobre avaliação, avaliação da aprendizagem, na biologia nós tivemos metodologia do ensino, mas não era avaliação. ”</p>	<p>Estudo da avaliação em outro curso sem ser na área que atua</p>	<p>Estudos da Avaliação na formação contínua em serviço.</p>
<p>Professor 05: “Sim. Na psicologia da aprendizagem e teve uma outra disciplina, foi mais no curso da matemática, na biologia nós não tivemos, psicologia da aprendizagem e teve uma disciplina específica que falava sobre avaliação, avaliação da aprendizagem, na biologia nós tivemos metodologia do ensino, mas não era avaliação. ”</p>	<p>Estudo da avaliação em outro curso sem ser na área que atua</p>	<p>Estudo Superficial da Avaliação na Licenciatura.</p>

<p>Professor 06: “Sim. Olha, não lembro muito bem assim, mas o que a gente estuda é aqueles processos de como avaliar o aluno, tipos diferenciados de avaliação, não lembro muita coisa não, tô quase aposentando. Mas não estuda muito no curso, na matéria do estágio discutiu-se um pouco de avaliação, lembro de discussões não profunda, hoje a gente fala mais na sala do educador, a gente discute a forma correta de avaliar, agora tem uma leva de alunos que tem que ser diferenciado na sala, nós temos alunos do PNE que não pode avaliar igual aos outros, até se for preparar uma avaliação escrita tem que fazer uma avaliação só para aquele aluno, separado, porém alguns não aceitam. Não sei se essa educação inclusiva é realmente inclusiva, a pessoa se sente diferente, e nós temos que dar jeito de tudo. Nessa questão da avaliação eu tenho um certo tradicionalismo, tem professor que não quer dar prova, vamos fazer só trabalho, mas eu tenho que dar uma prova escrita, e ela vai dar selecionar, mas nós não podemos selecionar pela nota, só que as avaliações que vem são provas escritas, questões de múltipla escolha, para obter esses resultados do IDEB, prova ANA e outras.”</p>	<p>Estudo superficial na licenciatura, algumas discussões sobre como avaliar o estudante.</p>	<p>Estudo superficial de Avaliação na Licenciatura</p>
	<p>Estudo da avaliação na formação contínua e debates sobre formas diferenciadas de avaliação para educação inclusiva</p>	<p>Estudos da Avaliação na formação contínua em serviço.</p>

Quadro 08 – Definição de Avaliação

2- Como o senhor(a) define Avaliação?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
<p>Professor 01: “A minha concepção pra mim, primeiramente é um instrumento para me avaliar como professor-educador porque eu acho que temos que nos avaliar o tempo todo, serve para ... não para medir conhecimento, pois nenhum instrumento de avaliação é cem por cento garantido, mas pra mim é para ver a minha prática como professor, para ver onde eu posso retomar o conteúdo com os alunos, até aonde eu posso ir com eles também e diagnosticar possíveis problemas que possam ter no conhecimento dos estudantes.”</p>	<p>Avaliação é um instrumento de auto avaliação para o professor e para análise do aprendizado dos seus estudantes</p>	<p>Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem</p>
<p>Professor 02: “Avaliação é onde o professor analisa o que o aluno aprendeu na sala de aula. ”</p>	<p>Avaliação permite analisar aprendizagem do estudante em aula</p>	<p>Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem</p>
<p>Professor 03: “Acho que a avaliação não define o conhecimento da pessoa, há vou fazer uma avaliação, eu vou definir todo o conhecimento dele, mas a avaliação é uma forma de estar verificando o conhecimento dele, um pouco, porque nem tudo dá para perceber que ele aprendeu de fato, com uma prova... eu não sei definir de fato.”</p>	<p>A avaliação não permite de fato perceber o conhecimento adquirido pelo aluno, e ainda, o professor não sabe como defini-la.</p>	<p>Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem</p>

<p>Professor 04: “Como o nome diz, uma forma de avaliar, e nesse processo a gente avalia a si mesmo e aos alunos, porque quando há um resultado ruim, algo está errado, a forma de explicar aquele conteúdo, aí eu retomo até obter um resultado satisfatório. Então eu vejo como uma ferramenta importante, até porque todo ensino tem né, você vai fazer faculdade tem avaliação, vai fazer especialização tem avaliação, vai fazer um processo de educação a distância, a avaliação sempre está junto. ”</p>	<p>O professor acredita que a avaliação além da reorientação, serve também para sua autoavaliação.</p>	<p>Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino</p>
<p>Professor 05: “Pra mim, avaliação é uma forma de poder rever os meus objetivos, porque eu tenho três tipos de avaliações com os meus alunos, eu aplico três avaliações por bimestre, e cada avaliação dessas é para que eu possa rever as minhas práticas, se estou conseguindo atingir o que eu almejei no início, meu objetivo, se não estou atingindo eu sento com os alunos, eu não mudo a avaliação, mas eu tento mudar a dinâmica da sala de aula, porque a avaliação eu combino com eles o seguinte, no início do ano eu já faço um combinado com eles, a avaliação vai ser assim desse jeito, vocês concordam? Aí combinamos a avaliação e aí durante o bimestre eu falo, mudar a avaliação eu não vou, o processo avaliativo não vou, a gente vai mudar as práticas aqui na sala de aula, se tiver difícil para entender, porque aí dificulta na hora da prova, é isso que eu tento fazer. ”</p>	<p>O professor não faz uso da avaliação de maneira engessada, acredita que os métodos possam mudar e ainda, utiliza para reorientação de suas práticas.</p>	<p>Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino</p>
<p>Professor 06: “Eu acho que é um processo que ajuda a gente ver como o aluno tá aprendendo, o que ele sabe, o que conseguiu aproveitar de todas as aulas que a gente deu pra ele, e encima disso você faz um diagnóstico do aluno, se ele tem uma defasagem, se tem que retomar determinado conteúdo, porque é através da prova que eu vou ver, porque eu não consigo avaliar tudo só no dia a dia, tem que ter algum documento, alguma coisa que ele produza para eu poder ter esse diagnóstico, eu acho importante. ”</p>	<p>Avaliação é um processo que ajuda o docente a verificar a aprendizagem dos estudantes (o que ele sabe e aproveitou), por meio da prova.</p>	<p>Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino</p>

Quadro 09 – Identificar Instrumentos de Avaliação ou Examinação utilizados

3 -Quais Instrumentos de Avaliação são utilizados?	
Instrumento	Frequência
Prova escrita	6
Atividades em sala de aula	5
Observação em sala de aula	1
Produção de textos	2
Simulados	1
Pesquisas	1
Seminários	2
Trabalhos em grupo	2
Tarefas de casa	1
Relatórios das aulas práticas	2
Textos Originais	
Professor 01: “Utilizo a avaliação prática a prova, mas sei que não é um instrumento cem por cento garantido, pois se o estudante tiver algum problema... já aconteceu comigo, um menino dentro de sala de aula ter uma participação maravilhosa, mas na hora da prova não desenvolve, então assim, hoje meu principal instrumento de avaliação é a observação em sala de aula, e a prova é uma praxe que é exigido nas escolas para registrar que o menino fez a avaliação. Atividades em sala de aula eu avalio muito pois acho que dentro da sala não tem como você não avaliar o tempo todo. Eu dou aulas práticas, algumas que dá para fazer, aí eu avalio o estudante.”	
Professor 02: “Trabalho com elaboração de textos, para aprender os conteúdos, a prova escrita mesmo, de questões de múltipla escolha, todo o tipo de questão, aula prática no laboratório de ciências também, e questões orais, oralmente, debates, discussões também trabalho com eles, tanto com os pequenos como os nonos anos também.”	
Professor 03: “Além do simulado, faço pesquisas, levo na sala de informática, para eles pesquisarem, passo pesquisa e tarefa para casa, o desempenho deles em sala de aula, eu tenho um caderninho, dou visto nos cadernos, para eles acompanhar e ter mais responsabilidade, muitas vezes tem que trazer esses meninos pra sala, pois estão com o pensamento distante e quando você olha o caderno, você está mostrando que ele tem responsabilidade de cumprir os seus deveres, não como punição, seminários também, tem várias práticas, não temos laboratório de ciências da natureza, mas improvisamos da melhor forma possível. Este ano já fizemos várias coisinhas, fizemos o sistema planetário, o sistema solar, fizemos os fósseis, eu trouxe o gesso, e eles trouxeram alguma planta ou osso, e usamos substâncias caseiras, cloreto de sódio, eu gosto de demonstrar, pois quando você vê o processo aprende melhor, na aula expositiva, dialogada, ai não tem noção do que seja, ai traz imagens, slides pra estar mostrando pra eles, sabemos que eles não tem acesso à aos conteúdos e as imagens, ai eles tem a noção de como seja a estrutura.”	
Professor 04: “Normalmente a prova escrita. Essa prova escrita geralmente não tem um peso de 100%, geralmente divido com trabalhos em sala de aula, individual ou em grupo, ou mesmo as notas de sala, nota de tarefa, atividades desenvolvidas em sala, sempre é somada a nota da prova, mesmo porque eu não vejo que a avaliação deve se restringir a uma única forma, de observar o que você trabalhou em um momento, em um mês ou dois, então eu avalio todo o processo, atividades em sala e de casa, mais aquilo que ele foi desenvolvendo ao longo do bimestre, aí como pra fechar a nota da prova que é sempre no final do conteúdo ou mais de um conteúdo.”	
Professor 05: “Na avaliação como eu disse, eu trabalho com três pilares da avaliação: primeiro eu faço a avaliação corriqueira que a escola exige também, que é avaliação escrita, a gente fala que é ultrapassado, mas não é tanto assim, se você souber utilizar bem o material da avaliação dá para você utilizar o material, rever os conceitos, então eu faço a avaliação escrita com eles, é a última, eu estou falando ao contrário porque é mais simples de entender, então no final do bimestre avaliação escrita, aí durante o bimestre eu tenho avaliação da prática do laboratório, que é uma avaliação, então eles vão para o laboratório, eles fazem as experiências e apresentam o relatório	

deles é uma avaliação, e a terceira avaliação deles são as atividades em sala de aula, porque eu acho que é importante você ter atividades e conseguir verificar se eles estão fazendo, se o aluno não estiver acompanhando, não estiver fazendo então não faz nada, e tem uma também que eu não considero como avaliação, mas ela serve também como parâmetro para elaboração do conceito no final do bimestre, que é a frequência que eu não abro mão, pois eu só consigo trabalhar com o aluno se ele estiver na sala, se ele não estiver na sala não tem como eu analisar se o aluno é A ou B. Tem casos de alunos faltar o bimestre inteiro e chegar no final será promovido.”

Professor 06:

“Prova escrita, seminário, participação em grupo, atividades práticas que realizo, a socialização do aluno, a capacidade dele de resolver problema de alguma questão, e também o empenho nas tarefas, nos trabalhos e pesquisas, nós temos que avaliar no todo, eu não fico só na prova escrita, por ser ciências eu gosto muito de fazer trabalhos, tirar eles da sala, produzir um cartaz, eles tem dificuldade de organização, não temos material tecnológico, no laboratório, possuem dificuldade de interpretação, e tem muito isso, não tem estética e muitos erros de português, na escola estadual não temos muitos recursos, e gasta muito tempo para disponibilizar o material, temos o livro didático, eu dou aula em escola particular e disponho de materiais que aqui não tem, na escola particular eu tenho lousa digital, internet, você ilustra sua aula com imagem bem rápido, na própria lousa do lado disponibiliza as imagens, aqui na estadual quando queremos material nós é que temos que trazer, não sabe se é professor ou é sacoleira, tem que trazer aquele monte de coisas, ontem não tinha canetão, ai tive que comprar canetão, durex colorido para por em volta do cartaz, você tem que dispor, e lá na escola particular eu não preciso, tem a quantidade de xerox, como trabalhar outros gêneros textuais sem dispor de xerox? Agora o governo tem uma avaliação aí, mas você tem que rebolar, e eles cobram qualidade, eles dão o mínimo e querem que você faça o máximo, os alunos também não demonstram interesse, salas numerosas, salas heterogêneas, o professor está numa situação bem... ninguém se coloca no nosso lugar, só é cobrado, cobrado, mas a gente procura essas formas diferentes de avaliar, se ficar só na prova não dá não.”

Quadro 10 – Periodicidade da Avaliação.

4 - Qual a periodicidade das suas Avaliações?	
Periodicidade	Frequência
Avaliação bimestral	5
Avaliação no final dos conteúdos	1
Avaliação contínua	1
Textos originais	
Professor 01:	
“Das escritas, tem fixa estabelecida no calendário escolar, aqui na escola tem o dia da prova que todos fazem, ai no segundo bimestre tem o simulado, ai o professor fica a vontade, se quiser usar só o simulado ou usar a prova também, no meu caso eu usei só o simulado e as atividades na sala de aula, mas a escola tem data marcada para fazer provas, eu na minha sala de aula eu avalio o tempo todo, já preparo o meu plano de aula, já com as questões já previamente escolhidas já para eu avaliar. O que conta mais para a escola é a prova escrita pois é índices, valores é indispensável para marcar os índices, nós temos que preparar os alunos para fazer as provas externas, porque infelizmente nós avaliamos o tempo todo dentro da sala de aula tentando melhorar nosso trabalho para trazer o conhecimento de forma concreta para os meninos, mas eles também tem que ter uma noção da prova pois o que é cobrado pra ele lá fora, então pra escola o que conta mais é a prova escrita. Aí é discutido no conselho de classe, o aluno que não tirou nota boa no simulado, mas o professor sabe que aquele aluno é bom, é discutido no conselho de classe. Como ciências não tá mais atrelado a matemática na hora de elaborar os conceitos aí temos essa liberdade.”	
Professor 02:	
“Sempre no final dos conteúdos.”	

<p>Professor 03: “No dia a dia, a avaliação é contínua, duas aulas de ciências por semana, eu olho se o aluno faz as atividades na sala e em casa, e às vezes faço seminários como forma de avaliar, eles vão apresentar, ai eles vão começar a desenvolver socialmente, perder o medo de falar do jeito deles, ai a gente vai corrigindo, pois eles falam muito no senso comum, ai vamos conduzindo de forma científica, os conceitos científicos.” 1.1 Os simulados são bimestrais? “Sim, já fizemos dois.”</p>
<p>Professor 04: “Bem, é bimestral, prova escrita assim é uma única vez no bimestre, aí associada a esses outros fatores, um bimestre mais associado a trabalhos, bimestre passado foi assim: avaliação escrita mais os trabalhos em grupo, esse bimestre já tô vendo, provavelmente vou alternar, fico com a avaliação mais a nota de atividades em sala, pois os trabalhos em grupo tem os seus contratempos, um depende do outro, você se desgasta bastante, então procuramos revezar, eles precisam se organizar, dividir tarefas se não sobrecarrega um só, e tem os alunos que não se enturmam, os que não querem fazer aí você acaba arrumando um tema separado para não deixar de avaliar.”</p>
<p>Professor 05: “Eu faço duas aulas práticas no bimestre, atividades em sala é constante, terminei um conteúdo e vi que eles precisam fixar aquilo aí faz atividade, e essas atividades são avaliativas e a avaliação é uma só no final do bimestre, aí eu pego todo o conteúdo que trabalhei no bimestre e aplico uma prova só.”</p>
<p>Professor 06: “Geralmente dou uma por bimestre, lá na particular eu dou duas, questão de tempo, lá rende mais, eu tenho mais aulas, ciências aqui eu tenho duas aulas no 6º ano e no 7º, lá eu tenho 4, no 8º e 9º tem 3 aulas, no ensino médio tem uma aula. Aí eu dou uma e complemento com trabalhos e pesquisas, tarefas, exercícios avaliativos, e tem o simulado também, simulado geral que é semestral.”</p>

Quadro 11 – Objetivo da Avaliação.

5 - Qual é o objetivo das Avaliações?		
Texto Original	Objetivos Identificados	Frequência
<p>Professor 01: “Primeiro avaliar a minha prática, e avaliar o estudante até onde ele está conseguindo compreender o que foi explicado e o que foi trabalhado com eles, não seria para medir conhecimento pois acho muito..... mas é para ver o que eles conseguiram entender se é necessário retomar, se eu posso prosseguir, tanto é que assim, eu procuro não ficar muito amarrada com o conteúdo do livro porque tem conceito que você estabeleça com o menino ai e ele consegue entender, o próximo conteúdo vai ser muito mais fácil de trabalhar, então “eu dou uma amassadinha no barro “ em alguns conteúdos para dar base para eles nos próximos, então eu não sigo muito a sequência.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar a prática como professor o aprendizado do estudante 	2
<p>Professor 02: “O objetivo é ver se o aluno está com dificuldade naquele conteúdo, e ver se ele conseguiu compreender o que a gente tinha que ter passado para esse aluno.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> Verificar as dificuldades e a compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes 	

<p>Professor 03: “A partir do olhar, do desenvolvimento, que ela participa aí vou analisar, se ele não participa nada, aí tem que chamar para ver o que está acontecendo, traz também pro apoio, alguns talvez não sabem ler ainda, então a gente encaminha, dá o apoio e faz outros encaminhamentos.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a participação dos estudantes e as necessidades de aprendizagem 	
<p>Professor 04: “Observar se o aprendizado foi alcançado pelos alunos, se por trás disso a forma como eu abordei o conteúdo foi de forma clara e objetiva, se tem que mostrar mais algumas imagem, organizar alguma experiência, esquematizar no quadro, então, como eu disse, avalio eles, mas acabo me avaliando também, para rever alguma coisa.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observar e acompanhar o aprendizado dos estudantes e avaliar a prática como professor 	
<p>Professor 05: “É isso que eu disse pra você, para eu replanejar, eu faço as avaliações para sentir se eu estou conseguindo atingir aquilo que me propus no início, se não eu tento fazer uma forma diferente, agora mesmo eu tô mudando já, o planejamento das minhas aulas, porque antes eu dava os tópicos, agora eu tô fazendo na mesma folha, já tem os conteúdos que vou trabalhar e também as atividades daquela aula, porque antes era assim trabalhava e na aula seguinte fazia as atividades, assim os alunos vão acompanhando e fazendo as atividades propostas, se eles conseguem fazer, sigo em frente se não tento melhorar, se não tem como chegar ao conceito.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Replanejar a prática pedagógica do professor 	
<p>Professor 06: “Então o objetivo é esse feedback, o aluno mostra pra mim a capacidade que ele conseguiu com aquelas aulas, o que conseguiu aprender, em ciências tem conteúdos básicos que o aluno não sabe, então tem que saber o que ele aprendeu.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o aprendizado dos estudantes 	

Quadro 12 – Distinção entre Avaliação e Examinação.

6 - Como o senhor(a) faz a distinção entre Avaliação e Examinação?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
<p>Professor 01: O professor não respondeu coerentemente a questão, ficou confuso e não soube responder.</p>		
<p>Professor 02: “A avaliação seria mais no caso de você ver se ele tem a parte anterior, se está com o conteúdo em dia, ver se ele tem uma base boa, e a avaliação ver se ele tá</p>	O professor usa a avaliação como um processo	Examinação empregue como avaliação

<p>compreendendo aquele conteúdo, seria um exame... não entendi.”</p> <p>6.1 Você acha que tem alguma diferença entre uma avaliação e um exame? “O exame seria na verdade, mais uma teórica, na folha, a avaliação a gente avalia de todas as formas possíveis dentro da sala de aula.”</p> <p>6.2 A prova que você dá considera uma avaliação ou um exame? “Uma avaliação.”</p>	<p>contínuo para verificar o aprendizado do estudante e a avaliação é pontual para diagnosticar o aprendizado.</p>	
<p>Professor 03: “Acho que... examinação é uma forma de examinar o que ele fez? Agora a forma de avaliar é que mudou, antes era exame, tinha nota, atingir média e se não conseguisse seria reprovado, perdia o ano inteiro, até por um décimo se reprovava, não se aproveitava o que ele aprendeu, hoje não, a avaliação contínua eu vejo assim, você avalia o aluno de forma contínua e considera o seu desenvolvimento, então, não retém no início do ciclo, só no final do ciclo, ele tem um tempo, acho que ficou melhor, ainda precisa melhorar as condições, temos pouco recurso, para melhorar o trabalho, na avaliação contínua é mais humana, considera o tempo o aproveitamento que ele tem, o que não tem é revisto até ele alcançar.”</p>	<p>O professor avalia seu estudante de forma contínua, considerando seu conhecimento empírico e de forma humanizada e a examinação como processo de aprovação e reprovação.</p>	<p>Avaliação como processo contínuo</p>
<p>Professor 04: “Essa examinação... se não me engano é mais uma prova objetiva, ou não poderia ser discursiva também. Que eu lembre o exame é aquilo ali naquele dado momento, se você sabe bem, se não soube amém, se ficou nervoso, nada é levado em consideração, aí a avaliação não, ela pode incluir todo o processo, não só pela prova escrita, mas os trabalhos e desenvolvimento em sala de aula, é tipo uma somatória, como se a avaliação fosse mais completa, ela pode englobar vários instrumento e um período maior, enquanto o exame não, é um único instrumento em um dado momento, é mais restrito.”</p>	<p>Examinação é pontual e não leva em consideração outras variáveis. Avaliação é processual e somatória e inclui vários instrumentos.</p>	<p>Distinção entre examinação e avaliação</p>
<p>Professor 05: “Distinção?... Olha eu aplico as provas como avaliação, para avaliar, mas vejo que a grande maioria só... não diria nem um exame... mas pra cumprir um ritual, porque o estado exige, porque o pai quer, aí o professor fica fazendo, vejo muitos casos, uma coisa pra cumprir um protocolo, o que se percebe é assim, a avaliação é sua se o aluno foi dez é dez, se a turma toda foi mal é uma avaliação, tá avaliando a turma porque avaliação pra mim é pra avaliar você também, avaliar a sala, a turma, o aluno vai ser avaliado pois faz parte de um contexto,, a dinâmica da sala, se não nem como exame eu diria, é algo assim só pra cumprir o protocolo e pronto.”</p>	<p>Prova usada como avaliação e apenas para cumprir uma exigência e avaliar a prática do professor.</p>	<p>Examinação empregue como avaliação</p>
<p>Professor 06: Não soube responder a questão.</p>		

Quadro 13 – Concepções sobre as provas como instrumentos eficientes ou não de diagnóstico do potencial de aprendizagem dos estudantes.

7 - Quais suas percepções sobre as provas como instrumentos de diagnóstico do potencial de aprendizagem dos estudantes?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
<p>Professor 01: O professor não respondeu em conformidade com a pergunta</p>		
<p>Professor 02: “A prova né? Embora eles odeiam a prova ela é necessária. Primeiro eu sempre falo pra eles né, é um meio de ver se eles estão entendendo o que estão vendo em sala de aula, se estão compreendendo o conteúdo, e lá na frente, é prova né, prova pra entrar no vestibular, prova pra entrar num concurso. Então a gente trabalha, eu sempre trabalhei com todas as turmas a prova, e essa prova sem consulta, eles estudam e a prova é sem consulta.”</p> <p>7.1 Essa prova é sempre no final do conteúdo? “Sempre no final do conteúdo, trabalho um conteúdo aplico uma prova, fora os trabalhos, trabalho bastante trabalhos práticos com eles.”</p>	<p>Prova como instrumento para verificar a compreensão do conteúdo e preparação ao vestibular e concursos</p>	<p>Examinação empregue como avaliação</p>
<p>Professor 03: “Eu acho assim, talvez o ciclo teria que mudar toda... acho que toda estrutura fora da escola, como ele tem o tempo de aprendizagem, mas na vida real dele é cobrado provas, é um concurso, é o ENEM, o vestibular, então como se avalia de forma contínua, e chega no ensino médio é nota, então já trabalhei com o ensino médio, no 1º ano tem muita retenção, porque é um processo, um ciclo, a gente cobra e aproveita tudo o que ele desenvolve como indivíduo, estudante, mas chega no 1º ano do ensino médio é nota e na vida real também, se ele vai procurar um emprego, a empresa faz um avaliação, uma entrevista, saber falar bem, saber preencher uma ficha, tem empresa que faz prova, teria que não sei se a universidade hoje faz provas, quando eu estudei era prova, temos uma escola ciclada que mudou a forma de avaliar, no ensino médio é prova e depois na faculdade é prova e na vida real é prova também.”</p>	<p>Uso das provas com objetivo de preparar o estudante para os concursos, vestibulares e ENEM.</p>	<p>Avaliação como exigência de provas.</p>
<p>Professor 04: “Sim acredito, mas não como único instrumento, jamais, em disciplina alguma pode usar na sala de aula como único instrumento. Porque tem alunos que tem dificuldade na escrita, de se expressar na escrita, enquanto outros tem facilidade na oralidade, e tem outros que sofrem muito com a ansiedade, o nervosismo, o aluno sabe, já teve momentos que eu pedi para alunos refazer provas, porque chegou no dia o aluno não sabia, mas como não? Se você desenvolveu as atividades, você participou, chegou na prova ele não consegue colocar no papel, então não acho que é certo, não faço assim, considerar uma única avaliação para um bimestre que é um período de dois meses, então sempre levo em</p>	<p>Avaliação além da prova escrita observando o estudante sob todos os prismas.</p>	<p>Avaliação como exigência de provas.</p>

consideração as tarefas de sala, as atividades de casa, trabalhos, é todo um conjunto.”		
<p>Professor 05: “Eu vejo assim... é isso que eu terminei de dizer pra você, fazer a prova só pra cumprir normas, protocolos, alguma coisa nesse sentido, não vejo significado nenhum, agora quando você faz uma prova para avaliar todo o processo, desde o próprio professor porque quando você elabora uma prova, na minha época era assim, os professores elaboravam as provas para dificultar o aluno e infelizmente ainda temos professores com essa mentalidade, vou fazer uma prova para dificultar, quanto mais difícil for melhor, pra mim isso não tem validade nenhuma. A prova que eu elaboro, são as atividades que trabalhei em sala de aula, para mostrar pra eles, aquilo que nós fizemos lá, está aqui, aí alguns olham a prova e começam a dar risadas, eu não sei se estou errado, pois se você faz o aluno ficar feliz diante da prova é porque ele tá aprendendo alguma coisa, agora quando você faz o aluno ficar triste e começar chorar na prova, é porque você não está conseguindo ensinar nada, a concepção minha de avaliação é essa, e um método que eu tenho com eles é assim, a avaliação é 60 minutos é cronometrada, tenho aula geminada, mas a prova é preparada para 60 minutos, aí eles já vão se moldando num prazo determinado, aí eu percebo que eles se sentem bem, tem um horário que todos vão entregar, não recebo de um nem de outro separado, recolho todos juntos e continuamos a aula normal, senti que melhorou bastante, mas tem alguns alunos que preferem não fazer a prova, assina e entrega e eu tenho certeza que ele sabe, mas aí a avaliação é feita na sala, e as aulas de laboratório.”</p>	<p>Avaliação como processo de investigação da prática docente e do aprendizado dos estudantes, sem intenção de punição.</p>	<p>Avaliação como exigência de provas.</p>
<p>Professor 06: “Olha, eu não abro mão da prova, mas também não fico só na prova, eu não acho correto, porque as vezes tem aluno que tem outra habilidade, eu tenho aluno que na aula não quer saber de nada e tira zero na prova, mas em outras atividades se destacam, surpreendem e ajudam a organizar, mas na prova não demonstram interesse, tem professor que fala que as provas não mede nada, mas tem que considerar que não é só isso, eu tomo cuidado com essa questão de preparar as avaliações, eu não gosto de dar avaliações só de marcar x, gosto de ter, nem que for uma questão, para o aluno diferenciar ou comparar, fazer um esquema, relacionar. Marcar x é bem mais fácil para corrigir, mas gosto de ver a capacidade deles comparar, citar exemplos, tem que pensar mais, dar textos da atualidade para eles interpretar.”</p>	<p>Considera a prova como instrumento necessário para avaliação e estimulação da capacidade de comparar, relacionar, interpretar e escrever, associada a outros instrumentos de avaliação.</p>	<p>Avaliação como exigência de provas.</p>

Quadro 14 – Relação entre Ensino e Avaliação.

8 - O/A senhor(a) vê alguma relação entre Ensino e Avaliação?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise

<p>Professor 01: “Uma relação.... sim com certeza.... como eu disse pra você.. você só consegue saber se conseguiu ensinar, trazer o conhecimento pro aluno, eu acho até estranho esse termo trazer conhecimento, dá impressão que tá enchendo a cabecinha vazia não é, mediar o conhecimento, o certo mesmo é o professor mediador é importante porque vai saber até aonde você conseguiu alcançar um determinado conhecimento com esse estudante, serve também, vamos supor ele vem com o conhecimento prévio, é igual eu falo pra eles, vocês não são uma caixinha sem nada, vocês tem o conhecimento trazido pela família, ai nós vamos potencializar esse conhecimento trazido pela família, para entender que tem cunho científico, ou nós vamos fazer o quê? Desfazer esse conhecimento como “manga com leite faz mal”, fazer o que? É um conhecimento prévio, mas será que realmente faz mal? Então vamos desconstruir isso e construir o conhecimento verdadeiro, essa avaliação serve pra isso também, essa avaliação dialógica também, você conversando com o estudante, eles vão participando, uma via de troca.... informações... para mim avaliação é isso aí.”</p>	<p>Avaliação mediadora potencializando o conhecimento prévio dos estudantes com o conhecimento científico.</p>	<p>Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem</p>
<p>Professor 02: “Tem que ter né. A partir do ensino né, você tá trabalhando com uma determinada metodologia, e uma turma essa metodologia ela tá sendo válida, eles estão indo bem nessa avaliação, e outra turma isso não vai tão bem quanto na outra, então a gente tem que mudar essa forma de avaliação de uma turma pra outra, então tem uma relação, esse ensino a gente trabalha de uma forma, e com outra sala a gente tem que trabalhar de uma outra forma, eu vejo mais nesse sentido aí. ”</p>	<p>Uso de métodos diferenciados de ensino de acordo com os resultados das avaliações.</p>	<p>Integração entre ensino e avaliação</p>
<p>Professor 03: “Se o professor não alcançar o objetivo dele, alguma coisa tá errada, se por exemplo 50% da sala não foi bem, alguma coisa está errada, eu tenho que estar me avaliando, a minha metodologia, meu trabalho, não só avaliar o aluno, porque todo mundo não aprendeu? Talvez a forma que estou trabalhando não está alcançando o objetivo, ai eu tenho que reformular essa metodologia, não adianta eu estar falando e o aluno não está conseguindo, tenho que mudar. ”</p>	<p>Uso dos resultados da avaliação para mudar os métodos de ensino quando os objetivos não são alcançados.</p>	<p>Integração entre ensino e avaliação</p>
<p>Professor 04: “Sim eu acho que um complementa o outro, o ensinar e você não medir, entre aspas, se os objetivos daquele conteúdo foi ou não alcançado, fica muito em aberto, eu acho que a avaliação quando bem utilizada, bem empregada, ela nos auxilia sim, a saber se o aluno entendeu, compreendeu aquele determinado conteúdo, se realmente ele vai levar aquilo pra vida, e se eu consegui também passar aquilo pra ele, é eu acho que um tá amarrado ao outro sim.”</p>	<p>A avaliação auxilia o professor a verificar se os objetivos foram alcançados</p>	<p>Integração entre ensino e avaliação</p>
<p>Professor 05: “Sim, completamente, você ensinar sem avaliar, não consigo enxergar, mas é avaliar como ensinar, tem casos também do professor ensinar e não querer avaliar, os</p>	<p>Uso da avaliação para verificar o ensino, e estes</p>	<p>Integração entre ensino e avaliação</p>

alunos fazem silêncio não conversam, tô ensinando... mas se você não avaliar se realmente tá ensinando, avaliar e ensinar tem que caminhar juntos, eu vou ensinar mas tenho que avaliar se tô ensinando, e não ter medo, muitas vezes o professor tem medo dessa avaliação que se está inserido. ”	têm que caminhar juntos	
Professor 06: “Sim, eu não consigo nem separar essa relação, quando você vai fazer o seu plano de aula, você já tem que colocar lá seu desenvolvimento, metodologia e forma de avaliação, então eu acho que tem toda essa relação, e essa avaliação diária, do aluno, não só aquela avaliação no final do bimestre.”	A avaliação caminha junto com o planejamento	Integração entre ensino e avaliação

Quadro 15 – Uso dos resultados das Avaliações.

9 - Como o senhor(a) usa os resultados das Avaliações?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
Professor 01: “Em outra escola que eu trabalhava, eu tabulava os resultados, via a porcentagem de acertos e erros, se determinada questão houvesse 80% de erro eu retomava o conteúdo envolvendo aquela habilidade e aquele descritor, hoje aqui na escola ainda não retomei essa prática de tabulação, mas eu faço isso, eu volto, vejo a quantidade de erro e retomo, pois acho inadmissível alguns estudantes saírem da escola sem alguns conceitos básicos de ciências estabelecidos, porque eu me sinto responsável como professora para prepará-los para ter uma boa base para o ensino médio. Geralmente eu retomo com eles, vejo qual questão teve mais erros para retomar o conteúdo, o resultado serve pra isso também, retomar conteúdo, se o aluno não entendeu de uma forma aí você faz uma prática aí já muda totalmente a visão dele nesse conteúdo, sabemos que a classe não é homogênea, tem estudante que aprende ouvindo, tem outros que aprendem quando estão fazendo as atividades, então tem várias formas de aprender também, a avaliação no fundo serve mais para o professor modificar a nossa prática.”	Avaliação para diagnosticar o rendimento dos estudantes e se necessário, voltar o conteúdo trabalhado.	Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino
Professor 02: “Aqui na verdade eu divido: 10 pontos em trabalhos, provas e aula prática. Então a gente acaba somando as notas, é nesse sentido que você quer saber? A gente acaba somando a nota da avaliação junto com os trabalhos, aí analisa o que ele aprendeu daquela parte e mais o que ele participou em sala de aula, o comportamento a gente também analisa, tudo isso junto. Se o aluno atingiu uma nota acima da média, aí tá tranquilo, se não atingiu aí a gente dá uma recuperação para esse aluno, dá uma recuperação de tudo o que trabalhou no bimestre e aí tenta recuperar esse aluno em sala de aula. ”	Avaliação somatória com recuperação no final do bimestre, retomando o conteúdo não aprendido.	Examinação empregue como avaliação

<p>Professor 03: “Como é ciclo de formação, eu avalio diariamente, então tenho que fazer relatórios, na avaliação do ciclo tem AB que é abaixo do básico, B que é básico, P que é proficiente e o A que é avançado. Aí eu olho meu caderno de campo, como dou visto nos cadernos, tem muita gente que acha que não tem necessidade de cobrança, mas eu acho que enquanto a criança está em fase de desenvolvimento, a criança tem o processo de transformação e ela tem que ser cobrada, a responsabilidade, ai eu vou lá no meu caderninho, eu vejo quem faz, quem participa ou não, quem é calado, tem os que se sobressaem muito e outros se calam, falo pra eles aqui todo mundo está aqui para aprender, tem um aluno no 7º ano que é quietinho mas faz tudo, tem dificuldade pra falar, questionar aí vou lá para ver se ele tem dificuldades, e ai eu faço o meu relatório. Se o aluno não sabe ler, as vezes tem medo, ai vejo com os outros professores como é o aluno na aulas delas.”</p> <p>1.1 Se esses meninos tiver algumas dificuldades você faz o que? “Aí a gente se reúne e nós fazemos questionamento, entre nós professores para ver como ele está. Se eu coloquei AB mas em outras aulas ele não é AB aí eu tiro.”</p>	Avaliação diária com anotações no caderno de campo para produção de relatórios.	Avaliação como processo contínuo
<p>Professor 04: “Aqui na escola nós temos a avaliação do professor, que é a critério, como te disse, trabalhos escritos, provas, enfim, as tarefas, mas também a escola tem a avaliação diagnóstica, essa que é só minha, ela vai gerar conceitos para o ciclo de formação humana, agora, a diagnóstica que são três vezes: a inicial, a intermediaria e a final, essa vai incluir conteúdos de um período maior, como a inicial geralmente ela traz conteúdos do ano anterior, para saber até onde o aluno foi, nivelar ele, aí quando é no meio do ano eu já pego os conteúdos do primeiro e do segundo bimestre, e coloco nessa avaliação, uma prova objetiva, parece um simulado, ai nessa dai a gente faz uma tabulação, quantos acertos, acertos por turma que é tabulado e aí é gerado dados pra escola, o que o aluno aprendeu, pra gente mesmo a partir desses dados a gente retoma esses conteúdos que tiveram mais erros.”</p>	Avaliação diagnóstica gera conceitos para o ciclo de formação humana, analisando o que o estudante aprendeu e retomar o conteúdo que ainda não aprendeu.	Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino
<p>Professor 05: “Eu replanejo minhas aulas, eu estava de licença, mas no final do bimestre eu fiz aquela avaliação com os alunos, então eu percebi que os alunos se estudavam passavam se não estudavam passavam do mesmo jeito, aí eu comecei a mudar a prática na sala de aula, eu disse pra eles: vocês não tem que se preocupar em passar, vocês tem que se preocupar em aprender, se você se preocupar em aprender, você já está aprovado, eu senti isso nas avaliações. Não sei se você vai abordar no seu trabalho, essa questão da avaliação tá tão séria, questão do aluno não se empenhar em fazer avaliação, não apresentar um comportamento de aluno avaliado, eles não tem esse comportamento, o aluno fala com outros, pede coisas para os colegas, eles não tem comportamento de aluno que está sendo avaliado, aí ele chega nessas provas externas e querem fazer do mesmo jeito, aí nós</p>	Replanejar as aulas e preocupação pelo desinteresse dos estudantes por não estudarem para as avaliações.	Desinteresse dos estudantes para estudar

<p>morremos de vergonha, eles não tem postura de alunos avaliados. Eles não tem a preocupação de estudar para as avaliações, o que nós achávamos que era altamente positivo, a questão de não reter o aluno por vingança ou por décimos, sabemos que acontecia e foi positivo não ter mais isso, mas esse outro lado da moeda do aluno não se empenhar mais por saber que já está aprovado é complicado.”</p>		
<p>Professor 06: “Então, eu analiso esses resultados, gosto muito de fazer uma correção de prova para eles corrigirem essa avaliação no caderno e vou juntando com outros seminários e eu gosto de analisar e ver o que o aluno deixou de aprender, geralmente faço a correção, e retomo o conteúdo, porque se eles forem muito mal tem que dar uma reforçada naquele conteúdo. Eu já dei aula no ensino médio, aí você era obrigada a dar uma prova de recuperação, mas no ciclo não, você dá uma retomada , comenta na sala, esses dias eu dei uma atividade pro 8º ano e eles erram tudo, não sei se é falta de atenção, o que é, o mesmo esquema que usei na sala de aula e eles erraram tudo. Tem essa questão do interesse, eles não demonstram interesse. Eu percebo que grande parte não estuda, eu acho que esse sistema, o ciclo, o aluno sabe que ele vai passar, na escola particular eles são mais preocupados, as tarefas mesmo aqui ninguém faz, não sei porque eu passo tarefa, a coordenadora exige que dá tarefa, eu gosto de dar tarefa, mas dá até desânimo, você dá uma pesquisa, 3 ou 4 fazem, muito ruim eles não estudam mesmo. Lá tem o boletim com a nota, eles sabem que a mãe vai ver pois o pai paga R\$ 800,00 por mês e vai cobra, aqui tem aluno que estuda, é uma gracinha mas a grande maioria não tem esse hábito de estudar.”</p>	<p>Análise dos resultados para uma retomada do conteúdo se necessário. Demonstra angústia pela falta de interesse dos estudantes para estudar e a não realização das tarefas.</p>	<p>Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino</p>

Quadro 16 – Relação entre Avaliação e Examinação.

10 - O senhor (a) vê alguma relação entre Avaliação e Examinação?		
Texto Original	Primeira Redução	Categoria de Análise
<p>Professor 01: “Acho que acaba acontecendo, como eu falei, a gente não pode fechar os olhos para o que vem de fora, a gente faz a prática nossa de avaliar, mas essa questão da examinação (não sei se estou certa nessa questão de examinação) você acaba trazendo com o que é pedido lá fora pro menino, então a gente tem que ter esse jogo de cintura também, de tentar alcançar os índices, que são cobrados por parte da coordenação e do que vem de fora da educação que cobra esses índices que são examinados mediante essas provas, de certa forma a gente se cobra para que melhore, eu creio que a relação é essa, avaliar mas também trazer as avaliações externas para preparar os estudantes para as avaliações que vem, é o que eu penso. Eles fazem uma prova só e colocam todos no mesmo saco, é uma questão humana mesmo</p>	<p>Examinação são as provas externas, onde todos os estudantes são avaliados da mesma forma, enquanto que as avaliações podem ser diferenciadas de acordo com as necessidades de cada um e são usadas</p>	<p>Avaliação como exigência das provas.</p>

<p>de trabalhar com os alunos com deficiência de forma diferenciada, a gente faz de forma diferenciada, os alunos que ainda não são alfabetizados, mas quando vêm as avaliações externas todos fazem a mesma prova, não vem prova adaptada, e de certa forma tem que correr contra o tempo com os alunos para trazer um pouco mais de conteúdo, porque sabemos que vem essa avaliação externa e que vai cobrar.”</p>	<p>para preparar os estudantes para as avaliações externas.</p>	
<p>Professor 02: “A gente examina através dessa avaliação, examinando se ele tá indo bem com o conteúdo, se ele tá com alguma dificuldade através da avaliação, que ela informa isso pra gente, muitas vezes, tanto na avaliação prática, quanto na avaliação escrita.”</p>	<p>Uso da avaliação como avaliação</p>	<p>Examinação empregue como avaliação</p>
<p>Professor 03: “Não acho que avaliação naquela época era mais rígida, só de falar dá pavor, medo eu mesmo eu sou da época das provas, eu sabia mas eu esquecia, pois tinha muito medo, depende do professor, em minha época os professores eram mais rígidos, hoje somos mais flexíveis, hoje ouvimos também, daí a gente vai trabalhando, avaliação hoje não é punitiva no ciclo, antes era. Eu acho assim, como o ciclo trabalha o ser humano no dia a dia, eu vou avaliar o que ele aprendeu, o desenvolvimento, não fez isso vou punir, tem gente que no simulado sai mal, mas no dia a dia é participativo, faz todas as atividades, então eu não levo em consideração só o simulado, o número de acertos, e mando eles lerem, as vezes é questão de interpretação, todas contextualizadas, aí as vezes dentro do texto tem a resposta, é só ler e prestar atenção, interpretação.”</p>	<p>Examinação punitiva, rígida e causadora de pavor e medo. Avaliação não é punitiva e trabalha o dia a dia do ser humano</p>	<p>Avaliação como processo contínuo</p>
<p>Professor 04: “Eu acho que existe, mas é pequeno, os dois instrumentos querem medir o aprendizado, como se fosse possível, mas a avaliação pra mim ela ainda mais completa, e a avaliação é mais restrita, mais fechada não permite considerar o nervosismo do aluno em um dado momento, eu acho que as duas tem em comum averiguar se o aprendizado foi alcançado, mas na avaliação eu imagino que eu consigo me auto avaliar melhor.”</p>	<p>Avaliação é mais completa e serve para o professor se auto avaliar, a avaliação é restrita, fechada sem considerar o psicológico dos estudantes, porém ambas averigam o aprendizado dos estudantes.</p>	<p>Examinação empregue como avaliação</p>
<p>Professor 05: “Aquilo que eu disse no início, avaliar e ensinar é necessário, avaliar e medir o seu método de ensino, se o aluno está realmente aprendendo, você tem que ter isso, eu tô ensinando, mas se o aluno não tiver aprendendo não tá adiantando nada. Então você tem que avaliar para sentir, a avaliação mesmo e não o exame para saber a nota do ciclano, é avaliar, pode não ter nota dez, mas se tiver 4,0 essa nota vai ter alguma coisa. Eu não tenho bem claro essa leitura da avaliação, eu entendo que é algo mais superficial, a avaliação na menor</p>	<p>Usa a avaliação como necessidade para medir se seu método de ensino está sendo alcançado. Porém não soube definir a avaliação</p>	<p>Examinação empregue como avaliação</p>

<p>nota ou maior nota tem uma leitura que fazemos qual motivo, se os alunos vão mal, pode ser que tiveram menos quantidade de aula, se tiver um tempo maior e tiveram notas baixas tem que ver o que está acontecendo.”</p>		
<p>Professor 06: “Olha, hoje se faz questões mais contextualizadas, igual as questões do ENEM, por exemplo, uma questão relacionada a locomoção foi relacionada com o Neymar que teve uma quebra de vértebra, ai o aluno pensa mais. Antigamente as questões não eram assim, hoje tem um texto é mais elaborada, tem o contexto. Hoje exige-se tão pouco, tem gente que fala assim: se o aluno sabe ler e escrever tá bom. Que é isso gente? O pior é que tem aluno que vai pra frente e não sabe ler nem escrever, estão lá no 8º ano ou 9º ano. Eu tenho apoio de 9º ano que não sabe ler, nesse sistema de ciclo o aluno foi empurrado, esse menino já passou pelo 6º, 7º, 8º e agora no 9º será que eu vou conseguir ensina-lo a ler? Eu não vou conseguir. Tem que ter uma formação pedagógica, aí eu tenho que fazer esse menino ler, tem que se virar, alguns vem no apoio outros não. A nossa luta é difícil.”</p>	<p>A avaliação é mais contextualizada com a realidade do estudante. Demonstra angustia relacionada ao baixo índice de aprendizado dos estudantes.</p>	<p>Desinteresse dos estudantes para estudar</p>

Quadro 17 – Frequência das Categorias de Análise

Categorias de Análise	Frequência
Estudo superficial da avaliação na licenciatura	6
Estudos da avaliação na formação contínua em serviço	3
Avaliação como processo contínuo	3
Avaliação como instrumento de análise da aprendizagem	4
Avaliação como exigência de provas	5
Examinação empregue como avaliação	7
Distinção entre examinação e avaliação	1
Desinteresse dos estudantes para estudar	2
Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino	6
Integração entre ensino e avaliação	5

No decorrer do tratamento nos deparamos com as categorias a partir das falas dos entrevistados, analisou-se cada uma como se fosse uma marca, agrupados de acordo com algumas semelhanças que dão origem à discussão dos resultados baseando-nos em nosso referencial conceitual. A seguir faremos discussão das categorias apresentadas anteriormente.

3.1 ESTUDO SUPERFICIAL DA AVALIAÇÃO NA LICENCIATURA

Nesta categoria nos deparamos com uma questão discutida por alguns autores de livros e artigos científicos que reflete a precariedade dos estudos pedagógicos dos futuros docentes, futuros avaliadores. Observamos nas leituras e constatamos com a fala dos professores a falta de estudos sobre a temática avaliação, durante a formação docente. Todos somos avaliados e avaliamos, no entanto, sem aprender o que é avaliar e como avaliar. Sem a teoria para embasar nossas práticas avaliativas, serão superficiais, o que pode refletir as ações de um passado educativo ainda presente nos dias atuais como diz o professor 01, ao ser questionado se estudou avaliação na licenciatura: *“Estudei, mas como você sabe, a prática pedagógica no curso superior é bem superficial [...]”* (Prof. 01), ou então alguns cursos de licenciatura por vezes, não oferecem, nem o estudo superficial aos seus futuros docentes. Como demonstra o professor 05, que diz: *“Sim. Na psicologia da aprendizagem e teve uma outra disciplina, foi mais no curso da matemática, na biologia nós não tivemos [...]”* (Prof. 05). Esse professor esclarece em sua fala que estudou um pouco sobre avaliação em sua segunda licenciatura, já em Ciências Biológicas, sua primeira licenciatura, nada aprendeu sobre o assunto.

Na prática, observamos que a avaliação está ligada às provas escritas em que classificam os estudantes de acordo com o conteúdo trabalhado e assimilado e as atividades realizadas. Sem traçar outros caminhos e perspectivas educacionais aos estudantes, que atentem ao seu crescimento e amadurecimento pedagógico, ampliando o sentido da avaliação, como observamos na fala do professor 02, preocupa-se exclusivamente no conteúdo aprendido ou não pelo estudante: *“Estudei. Eles sempre falam assim, trabalhando de forma contínua, analisando o que o aluno não sabe, relacionar com o conteúdo da disciplina, [...] a participação do aluno em sala [...]”* (Prof. 02).

Assim, a avaliação toma um rumo, onde só se recorre a ela no final dos conteúdos ou final de bimestre, pois como podemos perceber, o professor 04 vê a avaliação como um método pontual e deixa de tornar contínua, como teria de ser: *“Sim. Me lembro pouco, mas foi dito assim, sobre avaliação quantitativa, aquela que trabalha mais com a quantidade, a somativa, que trabalha mais com a qualidade ou qualitativa, que ela é um processo fundamental ao final do conteúdo trabalhado [...]”* (Prof. 04).

Observamos que todos os professores entrevistados ouviram falar sobre avaliação e os tipos de avaliação, porém pouco ou nada sobre as teorias que embasam o assunto:

“Sim. Olha, não lembro muito bem assim, mas o que a gente estuda é aqueles processos de como avaliar o aluno, tipos diferenciados de avaliação, não lembro muita coisa não, tô quase aposentando. Mas não estuda muito no curso, na matéria do estágio discutiu-se um pouco de avaliação, lembro de discussões não profunda [...]” (Prof. 06).

Felizmente, o que sustenta nossos professores sobre o estudo em avaliação, é que muitos estudam na formação contínua em serviço, na hora atividade em suas escolas, o que será debatido na próxima categoria, ou então, para quem não estuda na formação contínua, são aqueles aprendizados que tiveram enquanto estudantes que foram, seja no ensino fundamental, médio ou no ensino superior, pois é possível perceber em nossas análises, que a formação inicial, por vezes, deixam lacunas, que geralmente, serão preenchidas na formação contínua do professor.

O professor na falta de estudo sobre avaliação na formação inicial, ele não vai saber o que fazer, o que representa uma lacuna enorme e prejudica não só o professor como também o estudante, no exercício da atividade o professor precisa empenhar-se para realizar melhorias em suas práticas pedagógicas.

3.2 ESTUDOS DA AVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO CONTÍNUA EM SERVIÇO

A Secretaria do Estado do Mato Grosso no ano de 2017 lançou um programa dividido em eixos de formação a fim de dinamizar o ensino, sendo um desses eixos desdobrado no Programa Pró-Escolas Formação Escola (PEFE), com ações voltadas a formação continuada dos professores da rede estadual durante a hora atividade nas escolas. Assim, os professores têm a oportunidade de estudar temas essenciais

para o seu desenvolvimento pedagógico, e a avaliação da aprendizagem é um dos temas de extrema importância devido a necessidade de intervenção e consolidação de uma nova prática avaliativa compatível com as necessidades educacionais.

A formação continuada é também uma necessidade. Nesse caso, ela é entendida como processo de desenvolvimento dos profissionais da educação, o qual acontece, principalmente, em seu contexto de trabalho: a escola. É nela que se desenvolvem ações interventivas que se materializam em novas práticas pedagógicas, a partir do que já possuem e sabem, desenvolvendo continuamente a sua profissionalização, a fim de superar os desafios com que são defrontados ao longo de sua trajetória profissional. (PRÓ-ESCOLAS FORMAÇÃO, p. 08).

Observamos que os professores entrevistados participam da formação contínua ministradas em suas escolas, tanto para a necessária formação, como também para obtenção de uma pontuação para os professores que frequentam assiduamente essa formação. Como relata o professor 06 e professor 01 “[...] *hoje a gente fala mais na sala do educador, a gente discute a forma correta de avaliar [...]*” (Prof. 06), “[...] *o que eu tive de noção foi quando comecei a trabalhar e aí nós tivemos os estudos, na sala do educador*” (Prof. 01). Vale salientar que os professores usam o termo “Sala do Educador” referindo-se à formação contínua, que no ano de 2017 passou a chamar-se PEFE. O professor 01, fala que o estudo que realizou sobre avaliação, foi na formação contínua, em sua formação acadêmica poucas noções obteve sobre o assunto, e provavelmente nada das teorias que embasam o tema, comprovando assim a importância da formação contínua em serviço, o que mantém os profissionais atualizados para desenvolverem seus trabalhos da forma mais adequada possível. Corroborando com esse pensamento temos:

“Aí quando eu entrei na carreira tem a sala do educador que tem variados estudos que vem a complementar tudo isso, atualizar realmente tudo o que tinha visto sobre avaliação, retomar essa questão do ensino-aprendizagem, eu me recordo pouco, e nos prepara pouco, a gente acaba aprendendo na prática, na sala de aula, sozinho” (Prof. 04).

Nesse sentido, a formação contínua possui relevância para a educação, auxiliando os professores no desenvolvimento escolar a refletir sobre a realidade da unidade escolar, e principalmente os grandes beneficiados destes estudos serão os estudantes, tendo seus docentes com uma postura mais significativa em relação a avaliação da aprendizagem, pois o mesmo pode adquirir através de estudos na

formação contínua, melhor formação e ampliar sua capacidade de aprender a partir da prática.

3.3 AVALIAÇÃO COMO PROCESSO CONTÍNUO

Fazer o acompanhamento do aprendizado dos estudantes é necessário, diante de uma sala de aula repleta, com as mais variadas personalidades, tornando-se difícil detectar somente pelo olhar atento do professor o nível de aprendizado de cada um e disponibilizar o uso dos mais variados instrumentos para essa verificação. O que observamos nas entrevistas, muito comum em todas as instituições de ensino é que as avaliações sejam aplicadas *“Sempre no final dos conteúdos”* (Prof. 02), o que caracteriza uma avaliação por se pontual e estática. *“Como é ciclo de formação, eu avalio diariamente, [...]”* (Prof. 03), essa avaliação diária, demonstra-se efetiva no acompanhamento dos estudantes diante de seu desempenho nas tarefas diárias, atividades em sala de aula ou de casa, no sentido de acompanhar ao máximo o desenvolvimento dos estudantes.

“Eu faço duas aulas práticas no bimestre, atividades em sala é constante, [...] aí eu pego todo o conteúdo que trabalhei no bimestre e aplico uma prova só” (Prof. 05), com essa prova única aplicada no bimestre o professor provavelmente não irá detectar o domínio ou não das habilidades trabalhadas durante os dois meses, tornando-se assim uma avaliação somente para classificar os estudantes, que ao contrário disso devem ser realizadas para que essas informações possam ser utilizadas para a melhoria do desempenho, tanto dos que atingiram as habilidades e servir de incentivo, como para os que não atingiram as habilidades e precisa ser retomada para possibilitar sua efetiva aprendizagem.

“Bem, é bimestral, prova escrita assim é uma única vez no bimestre, aí associada a esses outros fatores, um bimestre mais associado a trabalhos [...]” (Prof. 04), assim, essa variedade de instrumentos de avaliações espera que os professores também tenham um olhar atento para aqueles estudantes que apresentam dificuldades no aprendizado para que não haja um fortalecimento dessas dificuldades a cada avaliação, persistindo nos bimestres, o que faz com que se sintam excluídos do rol de estudantes com habilidades eficientes.

Os professores entrevistados normalmente, tendem a realizar as avaliações em uma periodicidade parecida, que por vezes se tornam praticamente a mesma, ou

seja, bimestral, ao saber que o ano se divide por 4 bimestres, então os professores acabam por utilizar-se da chamada “semana de provas”, para aplicar sua avaliação, ou como alguns realizam em suas práticas pedagógicas, a avaliação.

Não se pode esperar ao término do bimestre para tomar as medidas de intervenção necessárias para corrigir o que precisa nos desvios do aprendizado. Essas medidas seriam corretamente aplicadas no dia a dia das atividades para que aquele estudante que necessite de reorientação fosse reencaminhado ao trilho do aprendizado efetivo.

3.4 AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA APRENDIZAGEM

O objetivo das avaliações é verificar se os estudantes aprenderam o que lhes foi proposto, não somente alguns, mas todos os estudantes devem aprender, e se não aprenderam temos o compromisso de fazê-los aprender e tomar cuidado para que os estudantes não se preocupem somente com suas notas classificatórias, mas sim com seu efetivo aprendizado. “[...] *é importante averiguar o que foi entendido pelo aluno, a partir da avaliação, seja ela oral, escrita como for, mas ela é necessária fazer [...]*” (Prof. 04).

[...] Então a gente acaba somando as notas, é nesse sentido que você quer saber? A gente acaba somando a nota da avaliação junto com os trabalhos, aí analisa o que ele aprendeu daquela parte e mais o que ele participou em sala de aula, o comportamento a gente também analisa, tudo isso junto.[...]
(Prof. 02).

Usa-se as notas para definir a quantidade de desempenho, e não como uma análise do crescimento intelectual e social do estudante e sabem que muitas vezes essas notas são apenas registros e nada mais, como o uso probatório segundo Luckesi (2017), ao contrário, quando o professor consegue fazer que o aluno tenha uma educação integral, as notas, não mudam o que foi aprendido, e isso perpetua-se.

Em síntese, são três os usos possíveis dos resultados da avaliação, quando ela está sendo praticada em relação a um sujeito: uso diagnóstico, uso probatório e uso seletivo.

O **USO DIAGNÓSTICO** é aquele que, frente à qualidade dos resultados, subsidia o gestor dada ação proceder correções ou intervenções no seu percurso tendo em vista “atingir o resultado desejado”.

O **USO PROBATÓRIO** ocorre quando, após a coleta de dados e sua qualificação, o gestor da ação decide transformar o natural processo do ato

avaliativo em um ordenamento de todos os participantes, segundo uma escala de qualidades com variação do superior para o inferior, ou, ao contrário, do inferior para o superior, definindo uma faixa dessa escala, dentro da qual se situam os “aprovados” e fora da qual se situam os “reprovados”. O **USO SELETIVO** dos resultados da investigação avaliativa, comumente, está presente em toda e qualquer situação, onde ocorre a concorrência por uma vaga, como ocorre, por exemplo, nos concursos, sejam eles públicos ou privados (LUCKESI, 2017 [blogspot - 130]).

Nas entrevistas, alguns professores demonstraram fazer uso diagnóstico das avaliações e propõe a retomada dos conteúdos como diz o professor 01 *“[...] mas pra mim é para ver a minha prática como professor, para ver onde eu posso retomar o conteúdo com os alunos, até onde eu posso ir com eles também e diagnosticar possíveis problemas que possam ter no conhecimento dos estudantes”* (Prof. 01) ou ainda: *“[...] e em cima disso você faz um diagnóstico do aluno, se ele tem uma defasagem, se tem que retomar determinado conteúdo, porque é através da prova que eu vou ver, [...]”* (Prof. 06). Pensa-se que o nível de aprendizado nessas escolas deve ser alto e de qualidade, pois revelam seus professores que sempre que os estudantes tiverem defasagem o conteúdo será retomado, *“[...] ver se o aluno está com dificuldade naquele conteúdo, [...]”* (Prof. 02), ou ainda repensar a sua prática docente *“[...] se você souber utilizar bem o material da avaliação dá para você utilizar o material, rever os conceitos, [...]”* (Prof. 05), cabe ao professor a tomada de decisão, investir na melhoria dos resultados ou aceitar os resultados como se apresentam, se eximindo assim das suas incumbências profissionais, e por que não dizer sociais.

Ao dar continuidade aos excertos das entrevistas realizadas, temos: *“Então, eu analiso esses resultados, gosto muito de fazer uma correção de prova para eles corrigirem essa avaliação no caderno e vou juntando com outros seminários e eu gosto de analisar e ver o que o aluno deixou de aprender, [...]”* (Prof. 06). Muitas vezes essa junção dos instrumentos de avaliação recaem no uso probatório, que classificam os estudantes diante de seus resultados e encerram o ato avaliativo de acordo com suas notas ou conceitos.

Temos aqui a fala de um professor que diz, ter um caderno, onde o mesmo faz suas anotações sobre seus estudantes, do comportamento desses e de suas dificuldades, porém o que foi realmente feito para ajudar os estudantes, e maneira que o mesmo usou essas anotações para fazer sua avaliação, não estão esclarecidas. Conversar com outros colegas, sobre o comportamento de seus estudantes, é muito importante com a intenção de promover uma discussão em prol da avaliação e até

mesmo uma intervenção na aprendizagem do estudante, aqui percebe-se um lapso nessa avaliação, que abre possibilidades para novas investigações e estudos,

“[...] Aí eu olho meu caderno de campo, como dou visto nos cadernos, tem muita gente que acha que não tem necessidade de cobrança, [...] ai eu vou lá no meu caderninho, eu vejo quem faz, quem participa ou não, quem é calado, tem os que se sobressam muito e outros se calam, falo pra eles aqui todo mundo está aqui para aprender, [...], e ai eu faço o meu relatório. Se o aluno não sabe ler, as vezes tem medo, aí vejo com os outros professores como é o aluno nas aulas delas” (Prof. 03).

Há ainda quem acredite que a avaliação deve sim ser feita para selecionar os estudantes, pois os mesmos, serão selecionados ao longo de sua caminhada, tanto acadêmica, quanto profissional, concorrendo com outras pessoas em diversos setores, como o caso do ENEM por exemplo, ou ainda concursos públicos e seletivos para as diversas áreas do conhecimento.

O uso seletivo como revela Luckesi, (2017) permanece na seleção dos concursos, vagas de emprego e ENEM, mas na escola o uso diagnóstico parece sobressair-se sobre o uso probatório, pelo menos nas escolas que visitamos nos revelou essa prática. Importa saber que os resultados revelados nas avaliações são os desejados da ação pedagógica dos professores, e que todos os estudantes atinjam o padrão ideal de aprendizado proposto para aquele nível escolar.

3.5 AVALIAÇÃO COMO EXIGÊNCIA DE PROVAS

A avaliação da aprendizagem nas escolas destaca-se pelo uso de vários instrumentos já relatados pelos professores entrevistados, mas a prova é a que prevalece e se destaca pela grande relevância que se dá para esse instrumento mais objetivo e quantificável, também uma forma de registrar os resultados do aprendizado dos estudantes para a escola e para os pais, *“[...] a prova é uma praxe que é exigido nas escolas para registrar que o menino fez a avaliação” (Prof. 01).*

Assim como a escola exige dos seus professores uma prova para registrar os resultados dos estudantes, os professores adotam esse método para avaliar, *“[...] igual eu falei, também precisa da somativa para ter os índices, uma coisa é esses documentos [...]” (Prof. 01), os professores necessitam da prova, pois “[...] tem que ter algum documento, alguma coisa que ele produza para eu poder ter esse diagnóstico,*

eu acho importante” (Prof. 06), entre todas as outras estratégias de avaliação, nenhuma conseguiu ocupar o lugar da prova, a sua confiabilidade junto aos professores, estudantes e familiares é algo que permanece nos dias atuais, mesmo com tantas outras maneiras mais eficazes de avaliação, “Nessa questão da Avaliação eu tenho um certo tradicionalismo, tem professor que não quer dar prova, vamos fazer só trabalho, mas eu tenho que dar uma prova escrita [...]” (Prof. 06).

Embora criticada por muitos autores como um instrumento de quantificação exercida mais como examinação, competição e seleção como destaca Hoffmann no quadro 04, número 06, as escolas não abrem mão de ter em seus calendários escolares datas já pré-determinadas para a execução das provas bimestrais.

Das escritas, tem fixa estabelecida o calendário escolar, aqui na escola tem o dia da prova que todos fazem, [...] mas a escola tem data marcada para fazer provas, [...]. O que conta mais para a escola é a prova escrita pois é índices, [...] então pra escola o que conta mais é a prova escrita [...]” (Prof. 01).

O professor 01 revela que a prova impõe um certo grau de confiabilidade, a fim de fornecer registros e índices necessários para a escola e refletir o resultado do trabalho escolar, tanto que outro professor diz: *“Olha, eu não abro mão da prova, [...]” (Prof. 06).*

[...] Olha eu aplico as provas como avaliação, para avaliar, mas vejo que a grande maioria só... não diria nem um exame... mas pra cumprir um ritual, porque o estado exige, porque o pai quer, aí o professor fica fazendo, vejo muitos casos, uma coisa pra cumprir um protocolo, [...] (Prof. 05).

Nesse sentido, as provas não cumprem o seu papel de avaliação como reflexão, acompanhamento e reorientação, apenas são objetos de coleta de informações, classificatórias e até excludentes e possui aqui o papel de informar aos pais e a escola o desempenho do estudante o que pouco contribui para o seu desenvolvimento. Nesse caso, o professor não fará uso do resultado para propor as intervenções necessárias, a fim de que todos aprendam e atinjam os objetivos de aprendizagem propostos.

Alguns professores relataram nas entrevistas que as provas servem também para avaliar o professor, sua prática em sala de aula. Costumamos ouvir que se o estudante vai bem é porque o professor se dedicou bastante para esse resultado

positivo, o se o desempenho do estudante não foi o esperado a responsabilidade é unicamente atribuída ao estudante que não estudou o suficiente, a família não acompanhou ou não demonstrou interesse para os estudos,

[...] então a gente tem que ter esse jogo de cintura também, de tentar alcançar os índices, que são cobrados por parte da coordenação e do que vem de fora da educação que cobra esses índices que são examinados mediante essas provas, de certa forma a gente se cobra para que melhore, [...] quando vêm as avaliações externas todos fazem a mesma prova, [...] (Prof. 01).

Percebe-se então, que as provas é que são o termômetro para a percepção do resultado, se as notas não forem as esperadas, há a necessidade de melhorar. Nesse sentido, o estudante será cobrado, e alguma reorientação será desenvolvida para que os índices sejam os esperados. Porém há que se fazer uma reflexão, no sentido de que nem sempre, o avaliado, está propenso a atender as expectativas do professor, o estudante é um ser humano, que por vezes, encontra-se em um momento peculiar, com algumas dificuldades, e isso interfere em sua capacidade de raciocínio lógico, que implica no resultado final da avaliação, que pode prejudicá-lo.

Com essa condição para indicar não apenas os erros mas também as falhas no processo pedagógico, as provas entram com uma possibilidade de auxílio a melhoria do ensino *“[...] primeiro eu faço a avaliação corriqueira que a escola exige também, que é avaliação escrita [...]”* (Prof. 05), assim, esse professor estará atento ao seu desempenho e também fortalecendo o processo ensino aprendizagem, já que: *“[...] acho que toda estrutura fora da escola, como ele tem o tempo de aprendizagem, mas na vida real dele é cobrado provas, é um concurso, é o ENEM, o vestibular, [...]”* (Prof. 03).

Como diz Luckesi o “uso seletivo” das avaliações, e neste momento as provas serão classificatórias e excludentes, somente os melhores permanecem, pois infelizmente são poucas as vagas e muitos candidatos que disputam uma chance de entrar em uma faculdade ou conseguir uma vaga de emprego em um concurso.

A maioria dos professores entrevistados tem a preocupação de cumprir essa exigência de aplicar provas em suas turmas, pois os mesmos foram cobrados dessa forma e acabam reproduzindo essas atitudes em suas práticas pedagógicas. Em primeiro lugar porque a escola exige, e em segundo lugar para analisar o que seus estudantes conseguiram absorver dos conteúdos trabalhados, classificando-os ou

reorientando as suas práticas pedagógicas, e também alguns professores tem a preocupação de preparar suas turmas para enfrentar as provas seletivas que a maioria deles irão enfrentar, seja para ingressar na faculdade ou em uma empresa.

3.6 DISTINÇÃO ENTRE EXAMINAÇÃO E AVALIAÇÃO

Passados quarenta anos em que Luckesi apresentou seu conceito de avaliação, onde no ano de 1978, o autor diz que: “[...] a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 2011a, p. 81). Ainda hoje, um conceito difícil de ser internalizado e posto em prática como foi possível perceber em nossas entrevistas, onde alguns professores não conseguiram definir o termo avaliação, por ter dúvidas sobre o significado real, e isso fica claro na fala do professor 03: *“Acho que a avaliação não define o conhecimento da pessoa, [...] mas a avaliação é uma forma de estar verificando o conhecimento dele, um pouco, [...] eu não sei definir de fato”* (Prof. 03).

Dar conceitos significativos de atos ou atitudes que praticamos diariamente, torna-se uma tarefa difícil, pois fazemos tudo de forma mecânica, sem preocupação com definições, e no momento que nos deparamos com um questionamento, não sabemos definir realmente o que fazemos, pois como foi visto na primeira categoria a ser discutida nessa dissertação, os professores, relataram que durante a sua formação inicial, essa questão ficou falha. Talvez, se esses professores tivessem um estudo mais formal e teórico sobre avaliação as respostas seriam mais significativas. Alguns professores dizem avaliar seus estudantes além de suas notas em prova, mas também a partir de seu aprendizado em sala de aula, participação, etc. *“[...] nós temos um tipo de avaliação diferente, que é uma avaliação contínua [...]”* (Prof. 03) ou ainda *“Avaliação é onde o professor analisa o que o aluno aprendeu na sala de aula”* (Prof. 02) e também *“[...] a avaliação contínua eu vejo assim, você avalia o aluno de forma contínua e considera o seu desenvolvimento, então, não retém no início do ciclo, só no final do ciclo, ele tem um tempo, acho que ficou melhor, [...]”* (Prof. 03).

Observamos nas falas dos professores respostas pouco significativas quanto ao conceito de avaliação, como o professor 06 *“Eu acho que é um processo que ajuda a gente ver como o aluno tá aprendendo, o que ele sabe, o que conseguiu aproveitar de todas as aulas que a gente deu pra ele, [...]”* (Prof. 06). Um julgamento, uma verificação do aprendizado, mas para que serve essa verificação? Apenas para

classificar os estudantes? Porém, o professor 04 expõe seu depoimento na entrevista, percebemos um outro entendimento e uma certa preocupação com os resultados dessa avaliação *“[...] a avaliação quando bem utilizada, bem empregada, ela nos auxilia sim, a saber se o aluno entendeu, compreendeu aquele determinado conteúdo, se realmente ele vai levar aquilo pra vida, e se eu consegui também passar aquilo pra ele, [...]”* (Prof. 04). Ou seja, além de avaliar o estudante, o professor avalia, suas práticas pedagógicas, oportuniza assim um novo olhar ao conceito avaliação, diante do que foi visto até o momento.

A função da avaliação é garantir o aprendizado do estudante, além de fornecer ao professor um feedback sobre suas ações em sala de aula, mas precisamos conhecer e saber se os resultados que desejamos serão alcançados, como dizem alguns professores: *“[...] avaliar e ensinar tem que caminhar juntos, eu vou ensinar mas tenho que avaliar se tô ensinando, e não ter medo, [...]”* (Prof. 05); ou ainda: *“Pra mim, avaliação é uma forma de poder rever os meus objetivos, [...]”* (Prof. 05), “avaliar sem medo”, e “rever os objetivos”, principalmente estar atentos se os estudantes apresentaram as habilidades necessárias para aquele planejamento, ter uma visão mais global do aprendizado dos estudantes, ampliar a visão do sabe/não sabe o conteúdo, preocupando-se com o seu desenvolvimento e fortalecer as necessidades de cada um, pois a avaliação deve ser realizada de forma integral. Como diz Hoffmann no quadro 02, número 06, onde entra a criatividade dos professores para instigar seus estudantes a crescerem no aprendizado.

Pensamos ser interessante, quando nos deparamos com as falas dos professores que dizem que a avaliação serve para avaliar a sua prática, como o professor 01: *“A minha concepção pra mim, primeiramente é um instrumento para me avaliar como professor-educador porque eu acho que temos que nos avaliar o tempo todo, [...]”* (Prof. 01); ou ainda o professor 04: *“Como o nome diz, uma forma de avaliar, e nesse processo a gente avalia a si mesmo e aos alunos, porque quando há um resultado ruim, algo está errado, [...]”* (Prof. 04). Neste sentido, esse professor assumiria a verdadeira função da avaliação, que é garantir o aprendizado do estudante, como diz Luckesi no quadro 01, número 06, não atribuindo somente ao estudante a responsabilidade do seu fracasso.

Porém na prática sabemos que os resultados não são os melhores, e essa vontade de rever seus objetivos podem perder-se pelo caminho, devido a tantos percalços que os docentes enfrentam em suas atividades profissionais. Corroborando

com esse pensamento temos os professores 05 e 04 “[...] porque avaliação pra mim é pra avaliar você também, avaliar a sala, a turma, o aluno vai ser avaliado pois faz parte de um contexto, [...]” (Prof. 05). “[...] avalio eles, mas acabo me avaliando também, para rever alguma coisa” (Prof. 04).

Ainda: “Primeiro avaliar a minha prática, e avaliar o estudante até onde ele está conseguindo compreender o que foi explicado e o que foi trabalhado com eles, não seria para medir conhecimento [...]” (Prof. 01). Mensurar conhecimento, atribuir notas ou conceitos podem fazer parte da avaliação do aprendizado construído pelos estudantes, faz-se necessário ao professor atribuir valor ao conhecimento prévio de seu estudante, o conhecimento empírico, para que o mesmo possa fazer uma ponte entre o que se conhece, avaliando se esse conhecimento está correto, para daí dar continuidade ao assunto, para fazer uma ligação.

“[...] o certo mesmo é o professor mediador é importante porque vai saber até onde você conseguiu alcançar um determinado conhecimento com esse estudante, [...] nós vamos potencializar esse conhecimento trazido pela família, para entender que tem cunho científico, ou nós vamos fazer o quê? [...] essa avaliação serve pra isso também, essa avaliação dialógica também, você conversando com o estudante, eles vão participando, uma via de troca.... informações... para mim avaliação é isso aí” (Prof. 01).

Baseando-nos na teoria histórico-cultural de Vygotsky (1984), que sustenta a tese de que o bom ensino é o que promove o desenvolvimento mental, isto é, as capacidades e habilidades de pensamento. Por isso a importância do professor mediador.

Segundo Hoffmam, (2014) a avaliação dialógica não se abstém somente na conversa, no diálogo do professor com os estudantes, mas também com a função de “promover o desenvolvimento moral e intelectual dos alunos” (quadro 02, número 07), para que possamos tornar os estudantes críticos e partícipes do meio político e social, comprometidos com o ambiente e sociedade em que estão inseridos, almejando seu crescimento pessoal.

Então, se por dialógico se compreende, como em Paulo Freire, a inserção de uma ação pedagógica no contexto sócio-cultural do educando, sob uma ótica democrática, para proceder a avaliação dialógica, haverá que se estabelecer e executar um projeto pedagógico com essas características, o que implicará diálogo com as circunstâncias sócio-culturais onde se dá a prática educativa, assim como implicará, ao mesmo tempo, olhar para o estudante e suas condições pessoais. O que, por sua, vez, implicará num **investimento consistente** para que o educando e o seu meio social

saiam do estado e estágio em que se encontram de vida e desenvolvimento, de uma forma politicamente consciente, assim como consistente. (LUCKESI, 2014 [blogspot - 69]).

A avaliação dialógica é muito mais complexa que os professores imaginam, deve ser eficiente para poder atingir os resultados propostos por ela, e na realidade nossos professores não mencionaram a avaliação dialógica como propõe Paulo Freire na citação acima, mas sim, apenas um diálogo em sala de aula a respeito do conteúdo trabalhado para se ter uma ideia do grau de aprendizado dos seus estudantes, conforme a fala do professor 01 “[...] *avaliação dialógica, na prática da sala de aula ela até mais importante que a escrita, a somativa*” (Prof. 01).

Embora alguns professores entrevistados não souberam definir avaliação ou confundiram com avaliação, nessa dissertação tratamos avaliação como algo que não requer um retorno para as práticas de aprendizagem de ensino, tudo aquilo que aplica um teste e produz uma quantificação consideramos uma avaliação, o professor 04 apesar de um pouco confuso diz:

“[...] a avaliação pra mim ela ainda mais completa, e a avaliação é mais restrita, mais fechada não permite considerar o nervosismo do aluno em um dado momento, eu acho que as duas tem em comum averiguar se o aprendizado foi alcançado, mas na avaliação eu imagino que eu consigo me auto avaliar melhor” (Prof. 04).

Enfim, foi possível observar que por muitas vezes o professor, cria suas formas de avaliação, com base no que ele viveu e a partir de suas práticas pedagógicas. Há também o professor, que em sua prática já tem a definição do que é avaliação, e vai além de dar uma nota, procura se auto avaliar, a partir dos entendimentos trazidos pelos estudantes para finalizar positivamente essa atitude.

3.7 EXAMINAÇÃO EMPREGUE COMO AVALIAÇÃO

Examinação é uma palavra que por vezes, não faz parte do vocabulário de alguns professores. Como é o caso do professor 06, que diz: *“Não. Essa palavra é nova pra mim”* (Prof. 06), ou ainda, pode gerar confusão como na fala do professor 01 *“O exame seria... vem do verbo examinar, de critério, a avaliação ela é mais ampla, no sentido mais amplo não sei também [...]”* (Prof. 01). Não fazer a distinção entre o ato de examinar e o de avaliar, acreditam alguns professores, que examinar seria a realização das provas externas *“[...] o que vem de fora é como se fosse um exame*

mesmo, não leva em consideração se o menino estava bem naquele dia ou não, se ele tirou x vai x, se tirou y vai y” (Prof. 01). Percebemos que esses professores não têm a noção de que a avaliação está presente na realização de uma prova sem requerer um retorno para as práticas de aprendizagem de ensino.

Os professores entrevistados consideram que todas as provas realizadas na escola são avaliações, mesmo com características de uma avaliação, pois ambas as práticas necessitam de coleta de dados do desempenho dos estudantes. Enquanto os exames apenas classificam os estudantes e não requerem um retorno para as práticas de aprendizagem de ensino, ao produzir uma quantificação é meramente uma avaliação *“[...] aí somo pra fechar a nota da prova que é sempre no final do conteúdo ou mais de um conteúdo”* (Prof. 04), as avaliações apresentam a qualidade do desempenho a fim de uma tomada de decisão.

“[...] a avaliação é uma só no final do bimestre, aí eu pego todo o conteúdo que trabalhei no bimestre e aplico uma prova só” (Prof.05), como diz Hoffmann no quadro 4, número 02, quando a avaliação se restringe ao final de bimestre ela se “desvincula do cotidiano da sala de aula”, e infelizmente observamos que as provas escritas são sempre assim definidas,

“[...] para saber até onde o aluno foi, nivelar ele, aí quando é no meio do ano eu já pego os conteúdos do primeiro e do segundo bimestre, e coloco nessa avaliação, uma prova objetiva, parece um simulado, aí nessa daí a gente faz uma tabulação, quantos acertos, acertos por turma que é tabulado e aí é gerado dados pra escola, o que o aluno aprendeu, pra gente mesmo [...]”
(Prof. 04).

O que diferencia o ato de examinar para o ato de avaliar é a atitude do professor, já que a prática de coleta de dados é a mesma, porém a atitude tomada é diferente, optar pela reorientação caso seja necessária, a fim de se ajustar a qualidade do ensino diante dos dados obtidos. *“A gente examina através dessa avaliação, se ele tá indo bem com o conteúdo, se ele tá com alguma dificuldade através da avaliação [...]”* (Prof. 02). Supõe-se nessa fala que o professor estaria propenso a fazer uma reorientação de sua prática, mas não deixa claro essa atitude, o que pode também apenas fazer a classificação dos estudantes diante dos resultados obtidos. Uma característica da avaliação são as provas sempre no final dos bimestres ou dos conteúdos dados *“[...] embora eles odeiam a prova ela é necessária [...]. Sempre no final do conteúdo, trabalho um conteúdo aplico uma prova*

[...]” (Prof. 02). “[...] então no final do bimestre avaliação escrita, [...]” (Prof. 05). Para Luckesi esta é uma diferença do ato de examinar para o ato de avaliar:

Os atos de examinar e de avaliar não se encontram em função de suas perspectivas serem diferenciadas. Os exames escolares estão voltados para o passado, para aquilo que o estudante já fez e, a partir do que é classificado; diversamente, a avaliação está voltada para o futuro; para tanto, ela diagnóstica, no presente, o que já foi atingido e o que falta ainda para se chegar ao nível de satisfatoriedade mínimo necessário. Com o que subsidia a sua construção, se este for o desejo do educador (LUCKESI, 2008 [blogspot - 64])

Definimos que a diferença entre o ato de examinar para o ato de avaliar está nas mãos do professor, depende dele selecionar e planejar o que fazer. Os professores com os resultados obtidos dos instrumentos de avaliação é que vão definir se estão avaliando ou examinando, se usam os resultados para uma reorientação da aprendizagem no caso de necessidade, este será um ato avaliativo. Se o uso é apenas classificatório, estão os professores diante de uma examinação disfarçada de avaliação, que não é o ideal.

3.8 DESINTERESSE DOS ESTUDANTES PARA ESTUDAR

O quão significativo é o estudo para nossos estudantes para não demonstrar interesse pelo mesmo? É difícil dizer, mas acreditamos ser vários os motivos que desviam os adolescentes. Com o advento da internet, as possibilidades de novas formas de entretenimento inundaram de motivos para a dispersão dos adolescentes, de forma tão intensa, que nos dias atuais, a maioria dos estudantes possuem smartphones com acesso facilitado a internet, que geralmente disputam a atenção com o professor em sala de aula. Além de outros dispositivos de mídia que são difundidos de forma globalizada, o que não é uma questão apenas do nosso país, mas com proporção internacional. Faz parte ainda desse rol, os questionamentos dos adolescentes quanto ao uso, ou não, dos conteúdos transmitidos em sala de aula, por vezes os estudantes, questionam-se, ou ainda expõem esses questionamentos: Onde vou usar esses conhecimentos? Para que serve aprender esse conteúdo? Sem contar com várias outras questões, que podem prejudicar o crescimento educacional de nossos estudantes, que pela pouca idade, geralmente, não percebem a dimensão da importância desses conhecimentos.

“[...] Tem essa questão do interesse, eles não demonstram interesse. Eu percebo que grande parte não estuda, eu acho que esse sistema, o ciclo, o aluno sabe que ele vai passar, na escola particular eles são mais preocupados, as tarefas mesmo aqui ninguém faz, não sei porque eu passo tarefa, a coordenadora exige que dá tarefa, eu gosto de dar tarefa, mas dá até desânimo, você dá uma pesquisa, 3 ou 4 fazem, muito ruim eles não estudam mesmo. [...]” (Prof. 06).

Além das aulas pouco estimulantes, nossas avaliações apresentam uma série de vícios que vão da má elaboração, até perguntas de conteúdos não trabalhados em sala. É um ciclo vicioso, o professor não consegue estimular o estudante, e o estudante não incentiva o professor, não faz as tarefas de casa, não estuda para as avaliações, não traz o material e assim por diante, e no final todos irão para a fase seguinte com defasagem de conteúdo. *“[...] mas tem alguns alunos que preferem não fazer a prova, assina e entrega e eu tenho certeza que ele sabe, mas aí a avaliação é feita na sala, e as aulas de laboratório”* (Prof. 05), e os professores ficam desestimulados devido a essas ocorrências.

O professor 06 atribui parcialmente, a falta de interesse ao ciclo de formação, pois todos os estudantes serão aprovados automaticamente para a próxima fase, independente do seu desempenho e ainda pode até dar-se ao luxo de não responder as avaliações, como afirma o professor 05.

“[...] eu percebi que os alunos se estudavam passavam se não estudavam passavam do mesmo jeito, aí eu comecei a mudar a prática na sala de aula, [...] essa questão da avaliação tá tão séria, questão do aluno não se empenhar em fazer avaliação, não apresentar um comportamento de aluno avaliado, eles não tem esse comportamento, o aluno fala com outros, pede coisas para os colegas, eles não tem comportamento de aluno que está sendo avaliado, aí ele chega nessas provas externas e querem fazer do mesmo jeito, aí nós morremos de vergonha, eles não tem postura de alunos avaliados. Eles não têm a preocupação de estudar para as avaliações, [...] mas esse outro lado da moeda do aluno não se empenhar mais por saber que já está aprovado é complicado” (Prof. 05).

Além de não fazer as avaliações, ou não responder nada, alguns estudantes podem ter um certo número de faltas durante o ano letivo sem prejuízo nenhum para a mudança de fase, o prejuízo é somente no conhecimento, que infelizmente nessa idade os jovens não têm a noção dessa perda, *“[...] porque eu acho que é importante você ter atividades e conseguir verificar se eles estão fazendo, se o aluno não estiver acompanhando, não estiver fazendo então não faz nada [...]. Tem casos de alunos faltar o bimestre inteiro e chegar no final será promovido”* (Prof. 05).

E diante dessa situação os professores se veem pressionados, a escola exige as avaliações, ele precisa fazer as provas, mas alguns estudantes não estudam ou não fazem as avaliações, então busca-se alternativas diferenciadas:

“[...] eles cobram qualidade, eles dão o mínimo e querem que você faça o máximo, os alunos também não demonstram interesse, salas numerosas, salas heterogêneas, o professor está numa situação bem... ninguém se coloca no nosso lugar, só é cobrado, cobrado, mas a gente procura essas formas diferentes de avaliar, se ficar só na prova não dá não” (Prof. 06).

Assim como os estudantes não demonstram interesse, alguns professores também não conseguem atrair suas turmas com aulas mais elaboradas e instigantes, sem contar a infraestrutura precária de muitas escolas que desestimula totalmente os jovens de permanecer em seu ambiente escolar. Mas, por outro lado, as escolas são diferentes e os profissionais também, e nesse meio, temos alguns profissionais que vão procurar o motivo de tanto desinteresse, as reuniões de pais e mestres que acontecem bimestralmente é um momento dos professores conhecerem um pouco mais da vida de seus estudantes: *“[...] aí vou analisar, se ele não participa nada, aí tem que chamar para ver o que está acontecendo [...]”* (Prof. 03), o que também não é uma tarefa fácil, pois geralmente os pais que os professores mais esperam nas reuniões, são os que só vão à escola se forem convocados pela direção.

Os professores precisam ser verdadeiros artistas, usar a criatividade, quer no desenvolvimento das aulas, quer na hora das avaliações, criar alternativas ou estratégias para tentar reverter algumas situações como relata o professor 06: *“[...] eu tenho aluno que na aula não quer saber de nada e tira zero na prova, mas em outras atividades se destacam, surpreendem e ajudam a organizar, mas na prova não demonstram interesse, [...]”* (Prof. 06), nesse sentido Luckesi relata que a função da escola é que seus estudantes aprendam, se isso não acontece algo não funciona bem e as consequências podem ser estas reveladas pelos professores.

“Então, o sistema de ensino necessita e necessitará ser avaliado, tendo por base o desempenho dos educandos (aprendizes), destino final de todos os atos educativos. Sua aprendizagem revela a eficiência, ou não, do sistema, em ensiná-los de modo adequado e satisfatório. [...] O sistema só terá cumprido sua missão se todos os educandos tiverem aprendido o que se diz que eles devem aprender” (LUCKESI, 2014 [blogspot – 81]).

Luckesi traz para os professores a responsabilidade de “ser o adulto da relação pedagógica”, ser o líder e “dar o tom” do processo de ensino e da aprendizagem, o que poderá influenciar diretamente o interesse ou desinteresse dos estudantes.

Se estiverem tristes, suas aulas serão tristes; se estiverem alegres, suas aulas serão alegres; se estiverem aborrecidos, os estados emocionais de todos estarão exacerbados. O educador, é o líder da sala de aula. “Líder” não é aquele que manda, e sim aquele que dá o tom.

Se tom do que se ensina for importante, os estudantes compreenderão sua importância; se o que se ensina for apresentado com alegria, a aprendizagem será alegre; se o olho do educador “brilhar” por determinado conteúdo, os olhos dos seus educandos também brilharão. Se o tom for ameaçador, os estudantes assumirão o tom de defesa, pois que, em primeiro lugar, está a sobrevivência, seja em que variável for (LUCKESI, 2015 [blogspot – 91]).

E que “tom” usamos em nossas aulas? Ou que “tom” os professores e gestão escolar usaram nos estudantes que estão em nossas salas para chegar nos anos finais do ensino fundamental e encontrar-se ainda no processo de alfabetização?

“[...] Hoje exige-se tão pouco, tem gente que fala assim: se o aluno sabe ler e escrever tá bom. Que é isso gente? O pior é que tem aluno que vai pra frente e não sabe ler nem escrever, [...]. Eu tenho apoio de 9º ano que não sabe ler, nesse sistema de ciclo o aluno foi empurrado, esse menino já passou pelo 6º, 7º, 8º e agora no 9º será que eu vou conseguir ensiná-lo a ler? Eu não vou conseguir. Tem que ter uma formação pedagógica, aí eu tenho que fazer esse menino ler, tem que se virar, alguns vem no apoio outros não. A nossa luta é difícil” (Prof. 06).

A avaliação tem como objetivo revelar a qualidade da realidade, é uma investigação que deve estar comprometida para o uso desses resultados a fim de se fazer uma reorientação das práticas pedagógicas, se assim for necessário, a fim de que todos os estudantes atinjam os objetivos propostos. Como essa prática não é uma constante nas escolas, temos estudantes que diante dos resultados negativos sentem-se desestimulados e desinteressados para os estudos.

[...] todo educador deveria ser exigente em relação ao resultado a ser atingido por seu exercício profissional, ou seja, que todos os estudantes, por ele liderados, numa sala de aula, aprendam efetivamente o que necessitam aprender.

Tem a ver, sim, com o investimento do educador, seja no que se refere a sua capacitação em relação aos conteúdos que ensina, seja sua capacitação nos recursos metodológicos que utiliza, para que o estudante efetivamente aprenda o que necessita aprender. [...]

Caso não se compreenda dessa forma a expressão “ser exigente na prática pedagógica escolar”, continuaremos a afirmar que o único responsável pelo fracasso escolar é o educando. E, creio eu, já é tempo para abrimos mão dessa postura (LUCKESI, 2015 [blogspot – 89]).

Diante desse contexto, cremos que os professores, necessitam se capacitar, para obter uma melhoria de qualidade no ensino, parar de aceitar os resultados negativos e seguir em frente, enfrentar as tempereis que surgirão em seu caminho, pois diariamente o professor precisa estar munido de alternativas para buscar solucionar, quais sejam os problemas a serem enfrentados, pois culpabilizar exclusivamente os estudantes como os desinteressados e responsáveis pelos resultados insatisfatórios obtidos, é uma forma de desistir, ao pensar em reorientação estamos ao contrário disso, buscando soluções, trabalhamos em prol de uma educação acessível a todos, sem nenhuma espécie de exclusão em nosso sistema educacional.

3.9 USO DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO PARA REORIENTAÇÃO DO ENSINO

Dentre todas as categorias discutidas aqui, a que mais apresenta relevância para nossa pesquisa é esta que trata da avaliação como reorientação do ensino. Em nossas leituras foi possível perceber que os autores adotam essa postura ao descrever que o desempenho não esperado nem sempre significa uma marca negativa da avaliação que pode ser modificada à medida que melhora a formação docente e o professor passa a ver mais sentido em novos modelos. Só assim o fracasso dos jovens deixa de ser encarado como uma deficiência e se torna um desafio para aquele professor que se propõe a reorientar o ensino, a partir dos resultados obtidos.

Em nossas entrevistas a maioria dos professores afirmam retomar o conteúdo após uma avaliação mal sucedida “[...] porque quando há um resultado ruim, algo está errado, a forma de explicar aquele conteúdo, aí eu retomo até obter um resultado satisfatório. [...]” (Prof. 04). Esse professor revela em suas práticas docentes as características de uma verdadeira avaliação, relata: “eu retomo até obter um resultado satisfatório”, que vem ao encontro dos quadros conceituais 05 e 06 onde destacamos conceitos relevantes de Luckesi e Hoffmann que relatam a importância da avaliação como reorientação do ensino.

Existem professores, que se dispõe a ter um outro olhar sobre avaliação, há casos em que o mesmo reorienta o ensino e propõe uma nova avaliação, contudo, há casos de professores, que permanecem com a mesma avaliação e modifica suas práticas pedagógicas, não estamos aqui, para julgar qual é o certo a se fazer, porém, demonstrar que há várias maneiras de reorientação, conforme visto nas entrevistas *“[...] e cada avaliação dessas é para que eu possa rever as minhas práticas, se estou conseguindo atingir o que eu almejei no início, meu objetivo, se não estou atingindo eu sento com os alunos, eu não mudo a avaliação, mas eu tento mudar a dinâmica da sala de aula, [...] a gente vai mudar as práticas aqui na sala de aula, [...]”* (Prof. 05).

Em cada escola, os professores são acompanhados pelos seus coordenadores pedagógicos, e em alguns casos os coordenadores mostram-se atentos aos resultados das avaliações, o que serve de orientação aos professores à tomar medidas necessárias para melhoria dos resultados, ou pelo que observamos nos professores entrevistados que alguns já tem essa prática efetiva no contexto escolar. *“[...] mas é para ver o que eles conseguiram entender se é necessário retomar, se eu posso prosseguir, [...]”* (Prof. 01), ou ainda: *“Observar se o aprendizado foi alcançado pelos alunos, se por trás disso a forma como eu abordei o conteúdo foi de forma clara e objetiva, se tem que mostrar mais algumas imagem, organizar alguma experiência, esquematizar no quadro, [...]”* (Prof. 04). Nos excertos dos professores 01 e 04, pode se ver claramente, a importância da reorientação, o quanto a mesma deve ser difundida nas reuniões de professores, nas conversas entre os professores sobre suas abordagens avaliativas, para que a mesma possa acontecer amplamente.

Dos seis professores entrevistados, cinco deles revelaram fazer uso da avaliação para uma reorientação de suas práticas de ensino, contudo há um professor, que em sua fala, demonstra a nosso ver, um certo equívoco quanto a reorientação, pois o mesmo busca mudar a forma de avaliar, ao contrário, pensamos ser interessante o mesmo mudar ou adaptar suas práticas em sala de aula. *“[...] você tá trabalhando com uma determinada metodologia, e uma turma essa metodologia ela tá sendo válida, eles estão indo bem nessa avaliação, e outra turma isso não vai tão bem quanto na outra, então a gente tem que mudar essa forma de avaliação [...]”* (Prof. 02).

A avaliação objetiva estar atento aos processos de aprendizagem escolar, entender como eles se concretizam, oferecer informações relevantes para o próprio

desenvolvimento do ensino na sala de aula em seu dia-a-dia, para o planejamento contínuo da atividade, além de avaliar o professor, quando o mesmo se dispõe a perceber quais os pontos positivos e, principalmente, os pontos negativos, trata de reorientar o processo de ensino e assumir suas responsabilidades quanto ao sucesso ou não em suas avaliações.

“[...] mas eu faço isso, eu volto, vejo a quantidade de erro e retomo, pois acho inadmissível alguns estudantes saírem da escola sem alguns conceitos básicos de ciências estabelecidos, porque eu me sinto responsável como professora para prepará-los para ter uma boa base para o ensino médio. [...]” (Prof. 01).

E ainda, com o mesmo pensamento, temos:

“Se o professor não alcançar o objetivo dele, alguma coisa tá errada, [...] eu tenho que estar me avaliando, a minha metodologia, meu trabalho, não só avaliar o aluno, porque todo mundo não aprendeu? Talvez a forma que estou trabalhando não está alcançando o objetivo, aí eu tenho que reformular essa metodologia, [...] tenho que mudar” (Prof. 03).

Os professores, estão se auto avaliando, sendo críticos, quanto a avaliação, esse processo faz parte de um amadurecimento e de uma proposta de ensino, que acreditamos, ser a ideal, nesse momento de nosso sistema educacional. O professor se dispõe a perceber onde há a necessidade de retomar e redirecionar suas práticas pedagógicas e melhorar a qualidade do ensino, capaz de tornar seus estudantes aptos para uma efetiva aprendizagem e ainda mais críticos.

Ao ler e interpretar os dados das pesquisas, percebe-se que há professores que se utilizam basicamente das provas para obtenção de resultados, e também, há aqueles que usam as provas como meio de ensino e também de aprendizagem, como forma de obter informações relevantes sobre o processo de desenvolvimento escolar dos estudantes e sobre seu próprio processo de ensino.

Porém nessa categoria, foi possível verificar que os professores, estão sim, avaliando seu processo de ensino, empenhados na busca de alternativa de reorientação de ensino, que é, uma das etapas principais no processo avaliativo, segundo leituras realizadas, durante o processo de criação dessa dissertação e pesquisa. E isso está perceptível nas falas seguintes: *“[...] a partir desses dados a gente retoma esses conteúdos que tiveram mais erros”* (Prof. 04). *“[...] para eu replanejar, eu faço as avaliações para sentir se eu estou conseguindo atingir aquilo*

que me propus no início, senão eu tento fazer uma forma diferente, [...]” (Prof. 05). “[...] geralmente faço a correção, e retomo o conteúdo, porque se eles forem muito mal tem que dar uma reforçada naquele conteúdo. [...]” (Prof. 06).

Ao iniciar o processo avaliativo frente aos estudantes, o professor deve ter elaborado um planejamento de suas atividades, para que o mesmo possa servir de aporte teórico na produção de sua avaliação. O mesmo, normalmente tem uma expectativa de como seus estudantes irão desenvolver essa avaliação, pois o professor já tem uma noção do que foi aprendido ou não pela classe, e faz com isso, que o professor busque uma coerência pedagógica, tanto no planejamento de suas aulas, quanto no planejamento das avaliações.

3.10 INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO E AVALIAÇÃO

O ato de ensinar corresponde com o ato de aprender, caso contrário o objetivo não é alcançado, ao pensar nisso o professor faz o uso de avaliações como forma de investigar o aprendizado adquirido, como percebemos na fala do professor 04: *“Sim eu acho que um complementa o outro, [...] a avaliação quando bem utilizada, bem empregada, ela nos auxilia sim, a saber se o aluno entendeu, compreendeu aquele determinado conteúdo [...] eu acho que um está amarrado ao outro sim” (Prof. 04).*

Integrar o ensino e a avaliação é importante pois possibilita, tanto para o professor, quanto para o estudante, a percepção do que realmente foi entendido de fato, o que propicia ao professor retomar assuntos em que há a necessidade de reorientação. Já o estudante consegue perceber onde precisa melhorar, para que seu estudo e aprendizagem sejam mais efetivos. A partir disso, podemos observar que a fala do professor 03 corrobora com esse pensamento: *“Se o professor não alcançar o objetivo dele, alguma coisa tá errada, [...] eu tenho que reformular essa metodologia, não adianta eu estar falando e o aluno não está conseguindo, tenho que mudar.” (Prof. 03).*

A partir do momento em que o professor consegue perceber através de suas avaliações onde pode e deve melhorar sua metodologia, esse professor atingiu um nível onde é capaz de ser crítico a sua didática e torna o profissional mediador do

conhecimento e não apenas detentor. Preocupar-se em atingir os objetivos desejados em seu planejamento, conforme a fala do professor 06: “*Sim, eu não consigo nem separar essa relação, quando você vai fazer o seu plano de aula, você já tem que colocar lá seu desenvolvimento, metodologia e forma de avaliação, [...]*” (Prof. 06).

“*[...] avaliar e ensinar tem que caminhar juntos, eu vou ensinar mas tenho que avaliar se tô ensinando, [...]*” (Prof.05). Aqui podemos perceber a integração do ensino e avaliação, pois como diz o professor 05 avaliar e ensinar tem que caminhar juntos, pois só assim é possível fazer uso da reorientação do ensino, pois a partir da avaliação, quando realizada de maneira efetiva, o professor tem a oportunidade, de observar e inferir o conhecimento alcançado e o que ainda falta ser atingido. Quando o professor é capaz de compreender até que ponto seu objetivo foi alcançado, ele encontra meios de investigar e procurar modificar seu planejamento inicial, quando parte da premissa da reorientação do ensino para a melhoria do ensino e da aprendizagem em sala de aula.

3.11 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A AVALIAÇÃO

Os instrumentos utilizados para avaliação são usados para investigar como encontra-se o aprendizado de uma turma, auxiliam os professores a tomar as decisões necessárias para a melhoria do ensino e reorientar suas ações pedagógicas diante dos resultados alcançados pelos estudantes. Os instrumentos utilizados pelos professores são diversos e adequados a realidade de cada escola, porém todos devem ser sistematicamente planejados e elaborados, segundo Luckesi, devem seguir uma metodologia científica:

Os instrumentos de coleta de dados necessitam ser (01) *sistemáticos* (= cobrir todas as facetas da realidade a ser avaliada; nenhuma aleatoriedade na coleta de dados), (02) *elaborados com uma linguagem compreensível* (= quem responde ao instrumento de coleta de dados deve compreender plenamente o que se lhe está solicitando), (03), no caso do ensino, basear-se na *compatibilidade entre o ensinado e o aprendido* (= as informações, habilidades, capacidades e atitudes que deverão eliciar o educando a responder os desafios deverão ser equivalentes as utilizadas no ensino; conteúdo, nível de dificuldade, nível de complexidade, metodologia utilizada) e, por último, (04) *devem conter a característica da precisão* (= educador e educando compreendem de forma equivalente o que se está perguntando) (LUCKESI, 2014 [blogspot-53]).

Os instrumentos de avaliação devem cobrar o que é ensinado pelo professor, e verificar se o mesmo é adequado para a aprendizagem do estudante, isso é

essencial, não importa o instrumento utilizado para isso, podem ser, como relatam nossos professores:

*“Utilizo a avaliação prática a **prova**, mas sei que não é um instrumento cem por cento garantido, [...] hoje meu principal instrumento de avaliação é a **observação em sala de aula**, [...]. **Atividades em sala de aula** eu avalio muito pois acho que dentro da sala não tem como você não avaliar o tempo todo. Eu dou **aulas práticas**, algumas que dá pra fazer, aí eu avalio o estudante” (Prof. 01).*

Prova, observação em sala de aula, atividades em sala de aula, aulas práticas são os instrumentos utilizados pelo professor 01 para saber se os seus estudantes aprenderam o que precisariam ter aprendido, e suponhamos que as questões das provas sejam de acordo com o conteúdo ensinado, e que os resultados revelarão como está o aprendizado dos estudantes, por isso se os resultados não correspondem a uma qualidade satisfatória, poderá o professor fazer uma reorientação no seu planejamento.

Em relação a observação em sala de aula, destaca Maciel que: “A observação informal, se registrada adequadamente, vai auxiliar o professor a identificar as interferências necessárias para o prosseguimento do processo e as possíveis dificuldades no desenvolvimento do aspecto psicomotor do aluno” (MACIEL, 2002 p.28). A observação é tradicionalmente um instrumento muito utilizado pelos professores como avaliação, segue os objetivos do aprendizado e torna-se um auxílio no desenvolvimento das aulas e no momento da tomada de decisão, porém não sabemos os critérios que os professores utilizam para avaliar esse instrumento, pois é um procedimento didático de motivação, e permite a construção de habilidades como a de argumentação e de construção de texto oral, que permite uma avaliação.

Os professores relatam utilizar mais de um instrumento para suas avaliações que são: “Trabalho com **elaboração de textos**, [...] a **prova escrita** mesmo, de questões de múltipla escolha, todo o tipo de questão, **aula prática no laboratório** de ciências também, e questões orais, oralmente, **debates**, discussões também trabalho com eles, [...]” (Prof. 02), elaboração de textos, prova, aulas práticas, prova oral, debates são os instrumentos do professor 02 que não diferem muito do professor 01, o que pode fazer a diferença na avaliação é o cuidado que o professor necessita ter na elaboração desses instrumentos, pois se mal elaborado poderão influenciar negativamente no processo avaliativo, o que causa prejuízos aos estudantes.

Os professores citaram aula prática como um instrumento de avaliação, porém a aula é um procedimento didático, de ensino, o que mostra a falta de estudos sobre avaliação na formação inicial ou na formação contínua afeta o desempenho do professor. Esse instrumento, de acordo com a nossa leitura, não é um instrumento de avaliação e sim um procedimento didático, inverso da aula teórica (expositiva), que implica no processo de ensino e aprendizagem e não no processo de avaliação, essa confusão, pressupomos que seja conseqüente da falta de estudos sobre o que é avaliação de fato. A produção de textos também é um procedimento didático é um trabalho que faz parte do aprender a escrever é um ato, mas é utilizado como instrumento de avaliação pelos professores entrevistados.

*“Além do **simulado**, faço **pesquisas**, levo na sala de informática, para eles pesquisarem, passo pesquisa e **tarefa para casa**, o **desempenho deles em sala de aula**, eu tenho um caderninho, dou visto nos cadernos [...] **seminários** também, tem várias **práticas**, não temos laboratório de ciências da natureza, mas improvisamos da melhor forma possível” (Prof. 03).*

O instrumento simulado pode ser considerado como prova, já que este instrumento também é uma forma de quantificar o aprendizado não se diferencia muito das provas escritas, pode ser considerado um instrumento de avaliação desde que se aproprie dos resultados para a reorientação do ensino. A pesquisa para ser considerada um instrumento de avaliação tem que ter um problema, então segue para a consulta, a coleta de dados e pode ser considerada parte da pesquisa, depois segue para a análise para a construção de um pensamento sobre o que coletaram, e um relatório final que poderá ser avaliado pelo professor.

Seminário é um procedimento didático que inclui pesquisa, um texto base ou um tema de partida para os estudantes pesquisarem e serem inseridos na prática de investigação e outra fase que é o debate, o exercício de discussão de ideias para encontrar um consenso do que foi discutido, pois permite que o estudante investigue, faça debates e discuta, e também não é considerado um instrumento de avaliação, mas o que resulta do seminário, o relatório do seminário, sim pode ser um instrumento de avaliação.

*“[...] então no final do bimestre **avaliação escrita**, aí durante o bimestre eu tenho **avaliação da prática do laboratório**, que é uma avaliação, então eles vão para o laboratório, eles fazem as experiências e apresentam o **relatório** deles é uma avaliação, e a terceira avaliação deles são as **atividades em***

sala de aula, porque eu acho que é importante você ter atividades e conseguir verificar se eles estão fazendo [...]” (Prof. 05).

Observa-se que os instrumentos não diferem muito de um professor para outro, “[...] sempre levo em consideração as **tarefas de sala**, as **atividades de casa**, **trabalhos**, é todo um conjunto” (Prof. 04), porém aqui há uma observação a ser feita, o professor 04, declarar utilizar as atividades de casa também como uma maneira de avaliar.

Nos excertos acima temos pesquisas, seminário e observação do professor em sala de aula para verificar se os estudantes desenvolvem as tarefas propostas, estes são alguns instrumentos utilizados pelos professores, em geral, que poderão ser muito importantes se estiverem atentos com a qualidade na elaboração desses e na forma de avaliação dos mesmos, seja qual for o instrumento utilizado, apenas revelará ao professor se sua prática pedagógica está bem sucedida ou não, para tomar as decisões necessárias.

Quadro 18 – Recorrência das palavras dos instrumentos de avaliação nas entrevistas

Instrumentos	Frequência de ocorrência na fala
Prova escrita ou oral	65
Tarefa de casa	8
Simulado	7
Atividades em sala	7
Aula prática	5
Seminário	3
Pesquisas realizadas	3
Participação em aula	3
Debates	1
Produção de textos	1

Os instrumentos de avaliação são democráticos e transparentes, é um processo de verificação, não se avalia somente com o olhar, produzem indicadores para verificar o aprendizado dos estudantes, e muitos desses “instrumentos” são apenas procedimentos didáticos que os professores se apropriaram para servir de avaliação, consolidando o que foi dito anteriormente da lacuna existente na formação inicial, sobre a falta de estudos de avaliação, como avaliar e o que é realmente avaliar.

Esta tabela representa quantas vezes as palavras prova, tarefa de casa, simulado, atividades em sala, aula prática, seminário, pesquisas realizadas,

participação em aula, debates e produção de textos que representam os instrumentos de avaliação foram citados pelos professores entrevistados. A prova aparece em maior frequência (65) por ser o instrumento que mais se utiliza como avaliação e está na memória dos professores, sendo predominante em sua prática pedagógica, embora que muitas vezes, da forma que se utiliza é meramente um instrumento de examinação, pois apenas quantificam, e os estudantes permanecem sem o aprendizado que lhes falta. Se somarmos com a incidência da palavra simulado (7), que também é uma forma de prova, teremos a incidência de 72 vezes, o que nos informa que é o procedimento presente na memória dos professores e no entanto o mais utilizado.

Na concepção dos professores é de que está sendo feita uma avaliação, porém, percebe-se uma examinação, que os professores condicionaram a chamar de avaliação, e desconhecem a própria palavra examinação, mas na prática observamos examinação tratada como avaliação.

Os demais instrumentos citados pelos professores e que alguns deles, não são instrumentos, mas procedimentos didáticos, aparecem em menor frequência, por fazerem parte de uma relação de atividades diversas, na tentativa de melhoria do ensino e da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa bibliográfica demonstram que há poucas pesquisas sobre avaliação enquanto instrumento de reorientação do ensino. No geral, ela é considerada em suas dimensões diagnóstica, formativa e somativa do processo da aprendizagem. Podemos concluir que, após a pesquisa realizada, foi possível responder à pergunta do nosso problema de pesquisa. A avaliação, enquanto processo de reorientação, começa no planejamento das aulas e implica em conhecer os estudantes, suas realidades, seus interesses e motivações. Pressupomos que as percepções predominantes entre os docentes apontam para compreensão e prática da avaliação como avaliação, não considerando as diferenças determinantes e constitutivos de cada processo, que no caso de avaliação, a tornam em elemento de reorientação das práticas de ensino, ao levar em consideração que ela fornece indicadores de como acontece o ensino e a aprendizagem, e por consequência, inserir intervenções pedagógicas que permitirão fazer modificações das práticas e potencializar ou superar as dificuldades de aprendizagem.

Assim, pensar e praticar a avaliação da aprendizagem a partir de perspectivas mais amplas e críticas, é praticá-la como reorientação do ensino, o que também implica em torná-la um elemento integrador dos processos de ensino e da aprendizagem e servir de base para a tomada de decisões no sentido de mediar a construção de conhecimentos, capacidades, habilidades e hábitos que possibilitem o desenvolvimento acadêmico do estudante.

As contribuições de Luckesi, bem como os demais autores foram de importância fundamental para ampliar e aprofundar as discussões sobre a necessidade de mudanças na prática pedagógica, bem como na condução dos processos de ensino e aprendizagem, de modo a torná-los mais atrativo para os estudantes e para os próprios docentes, uma vez que se trata de uma atitude que implica reestruturação, reorganização e ressignificação dos conteúdos, métodos e objetivos de ensino, dos materiais/ferramentas (como os recursos de tecnologias digitais) e das formas de avaliação da aprendizagem, elementos indissociáveis da prática docente.

Ou seja, é fundamental superar os limites dos meios tradicionais de “avaliação”, geralmente usados nas escolas, uma vez que não auxiliam os professores

a identificarem aspectos que demonstram avanços e limitações de aprendizagem dos estudantes e a reorientar o ensino. Reorientar o ensino significa incidir nas práticas de ensino, novos procedimentos, novos métodos e técnicas, novos planejamentos, novas formas de elaborar os instrumentos de avaliação, nova forma de avaliar. Assim, pensar e praticar a avaliação da aprendizagem a partir de perspectivas mais amplas e críticas implica, pois, torná-la em elemento integrante e integrador dos processos de ensino e de aprendizagem.

Os resultados da pesquisa de campo com entrevistas nos permitem responder ao nosso problema de pesquisa que consistiu em saber *quais as percepções dos professores de ciências da natureza do ensino fundamental, participantes da pesquisa, sobre avaliação e avaliação? E, por conseguinte, como eles compreendem a avaliação enquanto instrumento de reorientação das práticas de ensino?*

Constatamos nas categorias “Examinação empregue como avaliação”; e “Distinção entre avaliação e avaliação”, que os professores praticam avaliação como avaliação no dia a dia das escolas e não conseguem definir e nem distinguir uma da outra. Todas as formas de avaliação são fundamentais para acompanhar o estudante em sua aprendizagem ou na deficiência dela. Se desejamos que nossos estudantes aprendam, não tem como fugir das avaliações, pois elas nos revelam os resultados das nossas ações como professor frente as turmas que somos responsáveis. O que nos remete a categoria “Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino” que demonstra a prática dos professores frente aos resultados das avaliações levando a reorientação do ensino. Cada qual a sua maneira; correta ou metodologicamente com necessidade de ser readequada, impõe a importância de mais estudos sobre o assunto, pois os professores tentam praticar a reorientação de forma pouco expressiva. Atribuir ao estudante exclusivamente a responsabilidade pelo seu fracasso é uma prática que precisa ser deixada de lado e assumir a reorientação como uma necessidade para as mudanças e o efetivo aprendizado de todos.

Os professores demonstram que não há uma maneira única ou melhor para avaliar os alunos em classe. Embora as provas sejam vistas pelos docentes como um instrumento que “mede” a aprendizagem e são o principal tipo de instrumento de que se valem para a avaliação, apresentam outros instrumentos complementares com pouquíssima frequência.

No entanto, não devemos encarar a avaliação, com uma postura única e inflexível, o importante é não utilizar preferencialmente uma ou outra forma de avaliar sem se atentar aos resultados dessas práticas, fazendo uso então de várias formas de avaliação para investigar a realidade da turma e a qualidade do aprendizado, com o intuito de reorientar as práticas de ensino, fazer o uso dos resultados para a tomada de decisões em favor da aprendizagem de todos os estudantes.

Foi possível perceber durante o processo de entrevistas e discussão dos resultados, que o professor, em algum momento, desabafa suas angústias, como se fosse um pedido de socorro. Devemos estar atentos a esses acontecimentos para que possamos possibilitar melhorias na educação, amenizar sofrimentos. O estudante necessita sim de atenção, porém o professor também é merecedor desse mesmo tratamento, o ensino e a aprendizagem andam juntos, e se nos empenharmos em um só caso em detrimento do outro, sempre ficará uma lacuna na educação. Sendo assim, essa pesquisa contribuiu para além de apenas buscar uma significação para a avaliação, foi um processo onde houve confiabilidade e sentimentos compartilhados.

Avaliar, sob qualquer forma, é uma tomada de decisão, que deve conduzir a reorientação, para viabilizar melhorias na qualidade da educação, através de práticas pedagógicas novas, ou até mesmo práticas já utilizadas, em um ou em outro momento. Qualquer forma de avaliar é uma maneira de investigar a qualidade da realidade, cujos resultados colaboram para que o professor faça o uso dos resultados desde que faça a reorientação necessária para subsidiar a aprendizagem efetivamente. Os professores podem fazer a mesma avaliação, mas o importante é o diagnóstico que os mesmos farão com os resultados encontrados.

Em relação a compreensão da avaliação como instrumento de reorientação das práticas de ensino, dos resultados extrai-se que toda “examinação/avaliação” realizada pelos professores entrevistados apresenta objetivos concretos que segundo eles são:

1. Avaliar a prática do professor e o aprendizado do estudante (Prof. 01)
2. Revisar os conteúdos necessários (Prof. 01)
3. Verificar as dificuldades e a compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes (Prof. 02)
4. Analisar a participação dos estudantes e as necessidades de aprendizagem (Prof. 03)

5. Observar e acompanhar o aprendizado dos estudantes (Prof. 04)
6. Replanejar a prática pedagógica do professor (Prof. 05)
7. Identificar o aprendizado dos estudantes (Prof. 06)

Percebe-se que cada professor com o pouco aprendizado adquirido sobre avaliação no seu caminho de formação inicial ou contínua, adquiriu o seu modo próprio de avaliar e de agir, tem autonomia em suas práticas pedagógicas. Alguns apresentam semelhanças, pois todos são professores e compartilham seus conhecimentos e experiências nas escolas, mas seu modo de agir é exclusivo, próprio de cada um, a forma de acolher e tratar cada estudante, orientar e ensinar é próprio de cada professor, o que faz que alguns obtenham sucesso e outros fracassam em suas práticas, pois repercute na simpatia dos estudantes pelo mestre, elevando a autoestima.

A avaliação como instrumento de reorientação do ensino foi demonstrada na categoria 3.9 Uso dos resultados da avaliação para reorientação do ensino que demonstra alguns professores a sua maneira, fazem a reorientação do ensino em suas aulas em algum momento, persistindo no aprendizado do estudante.

Enfim, temos como objetivo principal que as avaliações produzam resultados satisfatórios em relação ao ensino que ministramos e remete a reorientação do ensino se necessário for, a fim de se obter o afetivo aprendizado dos estudantes.

Acreditamos que se apropriar dos resultados das avaliações em nossas práticas pedagógicas fará diferença na vida de cada estudante. Ter em mãos a oportunidade de oferecer aos estudantes que precisam de um olhar mais atento do professor e garantir seu empoderamento, o apoio necessário para seu crescimento, seu aprendizado efetivo e não permitir de forma alguma que alguns poucos ou muitos estudantes sigam para as fases seguintes sem o aprendizado que precisariam ter adquirido na fase certa do ensino. Infelizmente muitos estudantes se encontram nessa situação e aumentam os índices do fracasso escolar, pois não tiveram a oportunidade de receber uma reorientação transformadora da realidade.

REFERÊNCIAS

- ARREDONDO, Santiago Castillo; DIAGO, Jesús Cabrerizo. **Práticas de avaliação educacional: materiais e instrumentos**. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BLOGSPOT. **Diferenças entre verificar e avaliar? Pedagogias mais adequadas para cada uma**. Disponível na internet: <http://educacaojuventudes.blogspot.com.br/2010/10/diferenca-entre-verificar-e-avaliar.html>>acesso em 20 de março 2018.
- BRASIL/LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p
- CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. **Ressignificando a avaliação escolar**. In: CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. Comissão permanente de avaliação institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3).
- CAPES/MEC/BRASIL. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível na Internet: [http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/) acesso em: 19 março 2018
- CAPES/MEC/BRASIL. Portal de Periódicos CAPES/MEC. Disponível na internet: [http://www.periodicos.capes.gov.br/>](http://www.periodicos.capes.gov.br/)acesso em: 20 de março 2018
- CENSO 2010 – IBGE. **Rondonópolis: Dados estatísticos e Econômicos**. Disponível na internet: <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/?pg=acidade&intCatID=117> – Acesso em 18/04/2018.
- CONDEMARÍN, Mabel, MEDINA, Alejandra. **Avaliação autêntica: Um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CEB Nº07/2010, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**.
- DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: MEC: UNESCO, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2012.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. 15. ed. Porto Alegre: 2011.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Tradução Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed, São Paulo: Ática, 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch (1) **Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento**. s/d. Disponível na internet em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p051-059_c.pdf - Acesso em 18/4/2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 33. ed., Porto Alegre: Mediação, 2014a.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio**. 44. ed., Porto Alegre: Mediação, 2014b.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KAPITANGO-A-SAMBA, Kilwangy Kya. **História e Filosofia da Ciência no Ensino de Ciências Naturais**: o consenso e as perspectivas a partir de documentos oficiais, pesquisas e visões dos formadores. 2011.384 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem Escolar: estudos e preposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componentes do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011b.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível Pátio On-line Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000 - (Pós-Graduação em Educação na UFBA.).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre Notas Escolares: Distorções e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação**. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2018

MACIEL, Cilene Maria Antunes. **Avaliação do Currículo no “Ensino Fundamental” (1ª à 4ª série) no Brasil - Análise da introdução do conceito de regulação na avaliação do Ensino –Aprendizagem**. Tese - Programa de Doctorado Innovació i sistema educatiu - Departament de Pedagogia Aplicada - Facultat de Ciencies de L'Educació - Universitat Autònoma de Barcelona - 2002.

PORTAL PLANETA. **O que praticam as escolas? Avaliações ou exames?** Disponível na internet:

<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1178>> acesso em 20 março 2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE RONDONÓPOLIS/MT. **A cidade**. Disponível na internet em: <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/?pg=acidade&intCatID=116> – Acesso em 18/04/2018.

RUSSELL, Michael K. e AIRASIAN, Peter W. **Avaliação em sala de aula**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCALLON, Gérard. Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências. Curitiba: PUCRess, 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação classificatória e excludente e a inversão fetichizada da função social da escola. In: FERNANDES, Claudia de O.(org). **Avaliação das aprendizagens: sua relação com o papel social da escola**. São Paulo: Cortez, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. (Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche). São Paulo: Martins.1984.

APÊNDICE I

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – RCLE

Eu, Elenita Bortolini Rader, mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT Campus Deputado Estadual Renê Barbour - Barra do Bugres, com a orientação do Professor Dr. *Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba*, docente do PPGECM, responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado “AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REORIENTAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL” convidamos o (a) Sr. (a) para participar do projeto de pesquisa, sob nossa responsabilidade, atendendo aos documentos e resoluções previstas em lei, tais como a Resolução CNS nº466 de 2012, a Resolução CNS nº 304 de 2000 3 a Resolução CNS nº 510 de 2016.

Decidimos desenvolver uma pesquisa envolvendo professores de Ciências da Natureza, dos anos finais do Ensino Fundamental, das escolas da rede Pública Estadual de Ensino localizadas no município de Rondonópolis/MT, para analisar, identificar e descrever as suas percepções sobre avaliação e examinação da aprendizagem com a intenção de contribuir para o melhor desempenho no trabalho docente referente à avaliação da aprendizagem.

Sua participação é voluntária, estando livre para escolher se participará ou não da pesquisa, sendo garantido o anonimato e respeitando sua escolha. No entanto, sua participação é de suma importância e essencial, pois será levado em consideração toda sua experiência e conhecimento a respeito das avaliações realizadas em suas práticas pedagógicas, sendo importantíssimo para a qualidade do ensino.

Com base na Resolução nº 466 de 2012 ressaltamos que toda pesquisa contém riscos, destacamos um possível risco real e/ou em potencial que é o constrangimento do professor ao relatar suas práticas pedagógicas. No entanto, buscaremos tomar as devidas precauções para que o mesmo seja extinto ou minimizado visando preservar sua integridade ao participar da pesquisa. Dentre as medidas a serem adotadas asseguramos o caráter confidencial, o anonimato das informações e do participante dessa pesquisa. Uma vez que o relato de suas percepções e apontamentos serão

transcritas e mantidas sob a responsabilidade do pesquisador. Garantindo que danos previsíveis serão evitados, tendo ainda como benefício fomentar políticas públicas.

No que diz respeito às entrevistas, buscaremos deixá-lo à vontade, de modo que possa se sentir bem, sem qualquer tipo de pressão psicológica, moral e intelectual para que possa opinar, descrever e contribuir com ideias.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas **sua identidade não será divulgada**, sendo guardada em sigilo. Caso concorde em participar, necessitamos que preencha e assine este registro de consentimento. Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terá livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os resultados junto com os pesquisadores. Na necessidade de contatar os profissionais acima descritos, poderá fazê-lo a qualquer momento com a mestrandia Elenita Bortolini Rader, telefone (66) 9954-4868, e-mail elenitabortolini@gmail.com. Desde já agradecemos pela sua participação.

Esse **Registro de Consentimento Livre Esclarecido** deve ser assinado em **duas vias**, sendo uma retida com os pesquisadores e a outra com o/a participante da pesquisa, seguindo o que está disposto na Resolução CNS nº510 e 2016, capítulo III, seção II, Art. 17º, inciso X, parágrafo 3º.

Ao considerar as informações e todas as garantias acima mencionadas, eu _____

_____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de entrevista para serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de citações, podendo inclusive torná-las públicas para os projetos acima descritos.

Assim sendo, declaro o meu consentimento em particular como sujeito desta pesquisa.

Assinatura do participante

Elenita Bortolini Rader (Pesquisadora Responsável)

Rondonópolis/MT, ___/___/_____

APÊNDICE II

Roteiro de entrevista semiestruturada sobre percepções de avaliação dos professores de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental

ROTEIRO:

As questões surgirão do roteiro abaixo:

- 1 – Estudo da Avaliação na Licenciatura.
- 2 – Definição da Avaliação (percepções dos docentes sobre).
- 3 – Identificar instrumentos de avaliação ou examinação utilizados.
- 4 – Periodicidade de Avaliação.
- 5 – Objetivo da Avaliação.
- 6 – Distinção entre avaliação e examinação.
- 7 – Percepções sobre as provas como instrumentos eficientes ou não de diagnóstico do potencial de aprendizagem dos estudantes.
- 8 – Relação entre Ensino e Avaliação.
- 9 – Uso dos Resultados da Avaliação.
- 10 – Relação entre Avaliação e Examinação.

APÊNDICE III

RELATÓRIO SINÓPTICO DO APROVEITAMENTO ACADÊMICO

A pós-graduação stricto sensu nos permitiu refletir sobre a prática pedagógica praticada até hoje, os desafios existentes na profissão e os caminhos possíveis para termos alguns avanços significativos. Acreditamos que somente com o estudo de temas relevantes é que poderemos vivenciar mudanças no meio escolar. Na sequência, faço uma breve descrição das disciplinas realizadas pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECEM, na Universidade do Estado de Mato Grosso de Barra do Bugres, no ano de 2017.

Na disciplina de Metodologia de Pesquisa, tivemos contato com os métodos qualitativos, quantitativos e mistos e as diversas estratégias de investigação: pesquisa etnográfica, análise do discurso, pesquisa documental, história oral, pesquisa experimental, pesquisa narrativa, autoconfrontação, pesquisa-ação, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa bibliográfica, grupo focal, análise de conteúdo, com apresentações de dissertação e teses de alguns mestres e doutores discorrendo sobre suas pesquisas. Tivemos também a produção de um artigo apresentado no SEMIEDU – Cuiabá.

Na disciplina de Tecnologias Digitais no Ensino de Ciências e Matemática a dinâmica de trabalho teve foco nas leituras de artigos e livros, debatidos em sala de aula com produção de relatórios, elaboração de cartoons abordando um conteúdo da educação básica e produção de um artigo e de uma resenha crítica.

A disciplina de Fundamentos de Teorias de Aprendizagem e Ensino nos trouxe reflexões das nossas posturas, uma análise intrapessoal e interpessoal, despertando novos olhares para achar soluções possíveis mais humanas, com práticas cotidianas com sentido e significado, lembrando que nossas ações retornarão para nós de uma forma ou de outra. Estudamos o crescimento físico e desenvolvimento psicomotor, cognitivismo, personalidade, relações sociais, linguagem e conduta. Fichamento de textos: behaviorismo e a abordagem científica, Jean Piaget e o construtivismo, Vygotsky e o socioconstrutivismo, a aprendizagem e o ensino de ciências.

Na disciplina Tendências no Ensino de Ciências e Matemática, realizamos visitas em três escolas de Barra do Bugres, duas urbanas e uma indígena com o

objetivo de verificar quais as tendências de ensino predominam, tanto na postura dos professores quanto na dos gestores. Essas observações foram registradas nos cadernos de campo, originando um artigo que será apresentado no SEPOS em Cuiabá. Além disso, realizamos estado da arte para verificar as publicações sobre as tendências do ensino de ciências e matemática.

Na disciplina de Profissionalização e Formação Docente houve a preocupação em debater sobre a formação docente, levando em conta os saberes do profissional e de como se está trabalhando, com grande foco de debate no tema “Residência Docente” que nos leva a formação do professor direcionando com a prática, ampliando as horas de estágio integrando-o no meio escolar, um tema bastante atual e pertinente para o curso de mestrado, assim como os demais textos trabalhados.

Na disciplina de Educação Etnomatemática: diversidade cultural e práticas pedagógicas vimos que a Etnomatemática surgiu em meados de 1970 com a evolução cultural da humanidade a partir da dinâmica da matemática em diversos ambientes culturais, debatendo vários autores como D’Ambrosio, Boaventura, Larrossa e outros que nos levam a refletir e entender como as diversas culturas desenvolvem seus estilos próprios de entender a matemática.

Esse pequeno relato não vai conseguir expressar o agradecimento que tenho por cada professor, que de forma única e cada um de sua maneira, nos conduziu a rever nossos conceitos, desconstruir nossas atitudes e pensamentos carregados de autoritarismo e nos mostrar alternativas e possibilidades de que podemos ser sempre melhores, valorizar cada aprendizado nosso e dos nossos educandos, incentivando-os e nos motivando também, a sermos melhores a cada dia.

ANEXO I

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REORIENTAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: ELENITA BORTOLINI RADER

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 91089118.9.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.771.183

Apresentação do Projeto: Trata-se de um projeto de mestrado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM, que tem como objetivo investigar os métodos de avaliação utilizados pelos professores de Ciências da Natureza no ensino fundamental, bem como detectar se estes profissionais sabem diferenciar avaliação de examinação ou classificação dos estudantes. O que fazem estes profissionais com os resultados dos instrumentos avaliativos também será alvo da pesquisa com paradigma qualitativo e a análise dos resultados realizada a luz da análise de conteúdo. Será investigado se os resultados das avaliações são utilizados apenas para a classificação dos estudantes ou para a reorientação das práticas docentes, o que fazem os professores com os resultados e principalmente como fazem para auxiliar os estudantes com baixo desempenho escolar. Para a coleta de dados serão entrevistados 10 professores das escolas estaduais situadas no município de Rondonópolis, em Mato Grosso-Brasil, a partir da perspectiva da avaliação como instrumento de reorientação do ensino.

Objetivo da Pesquisa: Objetivo Primário: Desenvolver um estudo sobre “avaliação” utilizada por professores de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental, nas Escolas Estaduais situadas na cidade de Rondonópolis, para verificar como a avaliação pode ser compreendida e praticada enquanto instrumento de reorientação do processo de ensino de Ciências da Natureza.

Objetivo Secundário: Analisar o processo de avaliação da aprendizagem nas Escolas estaduais da cidade de Rondonópolis, verificando as percepções dos professores sobre as diferenças entre avaliação e examinação e como os professores se apropriam dos resultados das “avaliações” que desenvolvem, para reorientar o ensino de Ciências da Natureza. Identificar, analisar e descrever os instrumentos de “avaliação” utilizados por professores das Escolas pesquisadas, para constatar o quê e por que os professores priorizam quando “avaliam” a aprendizagem dos estudantes. Contribuir com a produção de conhecimento sobre a avaliação como instrumento de reorientação do ensino de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: - A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012. A pesquisa apresenta como preconiza a resolução 466/2012: - Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos; - Garantia de que danos previsíveis serão evitados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisa apresenta: Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida; Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1140527.pdf	20/06/2018 12:15:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo.pdf	20/06/2018 11:20:57	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Outros	LattesElenita.pdf	20/06/2018 10:48:41	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Outros	Lattes.pdf	20/06/2018 10:42:17	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	27/05/2018 19:41:47	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.pdf	27/05/2018 19:39:17	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Outros	Orientador.pdf	27/05/2018 17:59:58	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor10.pdf	27/05/2018 11:20:07	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor9.pdf	27/05/2018 11:19:51	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor8.pdf	27/05/2018 11:19:37	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor7.pdf	27/05/2018 11:19:19	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor6.pdf	27/05/2018 11:19:03	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e	Diretor5.pdf	27/05/2018 11:18:47	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Infraestrutura	Diretor5.pdf	27/05/2018 11:18:47	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor4.pdf	27/05/2018 11:18:32	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor3.pdf	27/05/2018 11:18:16	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor2.pdf	27/05/2018 11:17:58	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Diretor1.pdf	27/05/2018 11:17:30	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE1.pdf	27/05/2018 11:04:14	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DEI10.pdf	27/05/2018 10:59:40	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE9.pdf	27/05/2018 10:58:50	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE8.pdf	27/05/2018 10:58:19	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE7.pdf	27/05/2018 10:57:45	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE6.pdf	27/05/2018 10:57:00	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE5.pdf	27/05/2018 10:56:14	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE4.pdf	27/05/2018 10:55:14	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE3.pdf	27/05/2018 10:54:33	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE2.pdf	27/05/2018 10:53:36	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	DIE.pdf	27/05/2018 10:52:10	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Outros	Oficio.pdf	27/05/2018	ELENITA	Aceito
Outros	Oficio.pdf	10:46:22	RADER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declacao_n_inic.pdf	27/05/2018 10:42:42	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declara.pdf	27/05/2018 10:30:24	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	27/05/2018 10:25:13	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	IMG_20180524_0001.pdf	27/05/2018 10:11:34	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	27/05/2018 10:10:00	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/05/2018 10:05:48	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/05/2018 09:50:20	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito
Folha de Rosto	IMG_20180524_0002.pdf	26/05/2018 18:41:05	ELENITA BORTOLINI RADER	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

CACERES, 15 de Julho de 2018

Assinado por:
Raul Angel Carlos Olivera
(Coordenador)